

# O COMEDIANTE

# PORTUGUEZA

Director - MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa      REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39      COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Fozza & Salles R. N. do Loureiro, 25 e 29

ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 12000 réis	Brazil, anno (52 numeros) 22500 réis
Semestre (26 numeros) 6300 réis	Africa e India Portuguezas, anno 17000 réis
Cobrança pelo correio 2100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros) 12500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



OLIVEIRA MARTINS

## OLIVEIRA MARTINS

Commemoraram os jornaes, quasi na totalidade, com palavras de saudoso elogio, o dia do oitavo anno do fallecimento do distincto homem de letras Oliveira Martins.

Por desusada, esta homenagem, pareceu-nos de uma significação consoladora no meio da mesquinhaeria geral do nosso meio de luctadores, onde aquelle que cae, representa apenas um logar vago.

O preito espontaneo, porque o foi, á memoria do grande morto, do pitoresco e attrahente historiador, encheu-nos a alma de alegria; porque se nada mais desanima e entristece do que o esquecimento pelos que pensaram, trabalharam e educaram, nada mais intimamente satisfaz do que a homenagem livre e desinteressada.

Oliveira Martins, foi o producto de um esforço continuo, persistente, inalterado. Do seu primeiro trabalho ao ultimo a differença é enorme: o litterato subia continuamente na factura da sua obra, em largueza de vistas, na concepção e na execução com que luctou heroicamente e conseguiu de mesquinha e obscura, tornar, facil comprehensivel—por vezes bella.

Sem conseguir escrever versos foi um grande poeta; porque a sua obra interessa, commove, apaixona. Eis o segredo do grande bom exito dos seus trabalhos que pela sua qualidade são, em geral, dos que apenas entram nas estantes das bibliothecas e dos studiosos.

Lia-o o paiz inteiro; e quaesquer que fossem os seus pontos de vista nem sempre logicos, as vezes hesitantes por preoccupações da seita, o que deixou na obra, de sinceridade, de sentimento e de honestidade, garante-lhe para sempre um dos mais bellos logares na historia da litteratura portugueza que elevou e honrou como poucos.

Permitta-se-nos o desfolharmos sobre o seu tumulo esta pequena saudade.



Vamos andando como ebrios e como loucos.

Para tudo nos sentimos incompetentes, entre bravatas de valentia, de seriedade, de altivez que é uma farça ridicula, de orgulho que é comedia ultra-reales. Esmaga-nos a gloria d'um passado brilhante, tanto ou mais, do que a inconsciencia da vilania actual, onde naufragam, dia a dia, todos os bons instinctos, onde mergulham e se enlameiam todos os caracteres.

Invadiu-nos a desconfiança do caminhante no meio d'uma floresta de Africa. Desconfiamos das sombras como da luz, dos vultos como das clareiras, dos animaes como das cousas. Ha apenas uma certeza: a da decomposição geral. Ha apenas uma virtude:—o cynismo.

Que somos hoje perante o passado? um crime. No presente? Um escarneo. Perante o futuro? uma vergonha.

Odeiamo-nos intimamente, um a um. O de baixo pela vaidade de subir; o de cima pelo orgulho inchado d'um acaso feliz.

A hypocrisia no sorriso desbançou a altivez do convivio, a grandeza fidalga dos dois leões em face da mesma preza.

Fugiu-nos com o uso da espada o uso da honra,

que ella defendia, tutora desvelada, nos recontros dos combates, nos choques dos torneios, nas praças, nos saraios. Aos vicios dos fidalgos antepozemos a crapula burgueza, encazulada velhacamente n'uma cobardia soez. Assim derribámos um palacio de vicios para edificar com os seus despojos uma fortaleza de miserias, mil vezes mais repugnante e deleteria. Demos a mão ao primeiro apostata que appareceu, ao primeiro bandido de boa labia, e filhos desnaturados renegamos, vilmente a mãe commum — a abençoada patria!

Atiramo-nos hypocritamente ao amor da humanidade para poder fingir que por elle escarramos justiceiros na patria e na familia.

Tornamo-nos os proprios depreciadores, os infamadores de nós mesmos.

Suicidamo-nos moralmente.

Atulhados de paixões villissimas, egoistas sem limites, começamos a olhar-nos como lobos esfaimados ante um cadaver. Invadiu-nos o cerebro o rancor filho de todas as paixões ruins a quem a sciencia alarga os ambitos, com as affirmações magicas das sublimes virtudes sociaes, dos paradisiacos sonhos.

Em cada homem nasceu um inimigo, em cada coação pulsou uma onda de inveja, em cada cerebro raiou uma idéa de ciume e de crime.

Ha entre nós uma guerra cruenta, desleal, maldicta, guerra silenciosa, guerra fraticida, guerra de espiritos.

Esta lucta muda, implacavel, alimenta-se de todos os meios, vive de todos os expedientes, alastra-se em todas as camadas, esvurma em todos os actos. O que sobe é um miseravel; o que desce um martyr; o que enriquece um bandido. Troquem-se as posições, inverta-se a fortuna, os segundos termos ficarão nos seus logares. Porque a verdade da equaldade reside apenas na calumnia, filha da inveja, da raiva, da aspiração da vingança dos que não podem subir ou da maldição intima dos que descem. A verdade aboliu-se. O mais impudico será o maior; como será o menor, o infimo, o inutil: o honrado e o honesto. A sciencia transformou-se no tambor do charlatão, o que a plebe segue ignorante, eternamente idiota, fascinada pelo rataplan altivo; o pedantismo substituiu o valor sereno na sua modestia superior e humilde. O arrojo coroado de bom successo, aboliu todas as formulas honradas, e o hysterismo, a nevrose do impudor, degladia os ultimos restos da honra nos corações dos irresolutos — dos bem formados.

A tradição enraizada no peito rotineiro das gerações, protege a orgia canibalesca dos vencedores e a ignorancia — o eterno baluarte de todas as formas tyrannicas — impede nas consciencias honestas, nos espiritos virgens, o grito sublime da revolta, o rebate grandioso da emancipação. A alma popular escravizou-se e dorme somnolenta, miseravel — na cubata negra d'uma indifferença fatal.

Podem espezinhal a. voltar-se-ha ressonando, alheia, desprezível. Na sua vida commum com o corpo social, aniquilou-a — a fome. Dorme na embriaguez dos criminosos que pretendem calar a consciencia; no morfinitismo procurado dos grandes padecentes.

Se chora, ás vezes, causam riso as suas lagrimas, porque são como as da ternura alcoolica, que o ar frio estanca, de camaradagem com o amoniaco. Perola transformada em esterco! perola que caiu de roble gigante de mais de sete seculos de grandeza, no enxurro crescente de poucos lustros!

Esta se bem a encarardes é a alma da patria, á espera d'um excitante galvanico, que a vitalize. E' pre-

cizo talvez mergulhal-a em sangue, remedio que a tradição popular preconiza aos leprosos e aos paralyticos, para accordar do somnambulismo em que vive, perdida a noção de existencia, a consciencia da vida universal e propria, a resvalar para a valla commum, onde baqueiam as prostitutas, quer habitem as vielas lobregas das cidades, quer os palacios marmoreos das avenidas.

Esta é alma da patria, rameira prostituida pelos proprios filhos, Neros de contrabando, escoria das sociedades, pelotiqueiros emeritos.

O vós, almas feitas do bem e da fé, que tendes atravessado o lago estagnado e fetido do presente, druidas sagrados, resguardae bem no intimo da alma o precioso facho da liberdade e do amor, vigiaei, atalaias sublimes, vigiaei sempre, porque ninguem sabe — para a vida ou para a morte — o dia nem a hora!



### Considerações d'um maluco

Nasce p'ra'hi um rei como qualquer *petiz*,  
Descuida-se na fralda ou uma ou outra vez;  
Cresce, sem se afastar da classe dos *nenés*,  
Mas põe c'róa na *tola*, e governa o paiz!...

Isto já vem de traz, segundo o que se diz,  
E a lei ordena assim aos desgraçados *Zés*...  
Mas acho que esta lei, sem cabeça nem pes,  
Devia caminhar para vaza barris!...

Dá annos ao *officio* o que quer aprender;  
E aquelle que nasceu n'um palacio de rei  
Trouxe a sciencia infuza? — E' duro de roer!...

Mas, ou torta ou não torta, a coisa chega a lei;  
E quem não fór capaz de bem a perceber  
Não me pergunte a mim... porque tambem não sei.

Z.



«Consta-nos que o reverendo João d'Oliveira Junior de Albergaria a Velha, ao cabo de vinte annos de incessantes trabalhos, inventou uma machina motora de si mesma continuamente e de tudo o que é susceptivel de movimento, sem outra despeza além da feita com a organização propria.»

O reverendo João d'Oliveira que pelo visto é um mechanico de «alto lá com elle» acaba de inventar uma maravilhosa machina que se move a si mesma!

O padre João trabalhou vinte annos e conseguiu dar ao mundo o mais maravilhoso invento até hoje alcançado, e,—ó caso horrivel! —o golpe mais profundo na lettra sagrada da Biblia!

Porque se o reverendo alcanca descobrir a machina que se move por si propria, implicitamente demonstra que a grande machina do mundo não precisa de quem a mova. Ora como o movimento é a vida, não precisou de quem lhe desse a vida, isto é, — fez-se a si propria. E lá vae ao chão o melhor argumento da existencia de Deus.

Em todo o caso, padre João, parabens pelo achado e veja se consegue applicar o invento á conducção de almas para o Ceu.

Se o consegue, amigo, então é que lhe digo que o Diabo fica a fazer cruzes na bocca.

## CANTIGA DO ZÉ FOYINHO

### MOTE

Nem sempre andar ás aranhas,  
Nem sempre soffrer a esfolia;  
Vamos ao Senhor da Serra  
Provar da bella pingola.

### GLOSA

Ó Maria, anda apressada,  
Vae dar de comer aos gatos.  
Bota p'ra cá os sapatos,  
Traz-me a camisa lavada.  
Vae dia de patuscada.  
Joia de minhas entranhas;  
Compra um vintem de castanhas  
P'ra comer pelo caminho...  
Nem sempre ser um burrinho,  
Nem sempre andar ás aranhas!

Os que nos saltam ao pello  
Em momentos de mau genio  
Arranjaram um Convenio  
De levar coiro e cabelo!...  
O padeiro põe farelo  
No seu pão de gesso e colla;  
O tendeiro nos engrola,  
A carne *puxa do peito*...  
Isto assim não leva geito,  
Nem sempre soffrer a esfolia!

A ti te digo, que és séria,  
Que hoje é dia de pagode,  
Pois um homem, quando pôde,  
Tira o ventre da miseria!...  
Haja cantiga, haja lèria,  
Que amanhã a tripa berra;  
É costume cá da terra  
Não guardar p'ra outro dia...  
Anda, avia-te, Maria,  
Vamos ao Senhor da Serra!

A gente primeiro *reza*  
E depois faz pé de dança,  
Vae á tasca encher a pansa,  
Come de grande e á franceza!...  
Camarões á sobreméza  
Tambem muito alli consola...  
Quem souber toque em viola  
Os fadinhos do Montijo...  
E não deixemos o pingolo  
Prorar da bella pingola!



O doutor Bentes Castello Branco propõe que para evitarmos comer pão falsificado, se comam antes papas de trigo ou milho, moidos em caza. Aconselha ainda o regimen vegetal como o mais proprio para a alimentação.

Se pegam as prégacões do dr. Bentes, se este bello povo começa a alimentar-se a repolho e a papas, podemos dizer adeus aos ultimos restos do brio nacional.

Se somos já um paiz de papa-assordas, não tardaremos a mudar o titulo em papa-migas, o que nos grangeará logicamente o glorioso epitheto de papa-moscas.

Este é o difinitivo e o justo: a mosca é a alimentação dos camaleões e dos macacos.

# O SENHOR DA SERRA



de corcos

de corcos

Ó meu bom Senhor da Serra  
Que por mim es venerado,

Descorfo de que estás  
Tambem já falsificado..



## JARDIM DE EPICURO

Por pouco que se tenha convivido com os sábios, é fácil perceber que elles são as pessoas menos curiosas que existem. Andando ha poucos annos a visitar, n'uma das principaes cidades da Europa, as galerias do museu da Historia Natural, na companhia de um conservador, este descrevia-me com a maior complacencia os zoolithos.

A sua explicação chegou até aos terrenos pliocénos. Andando, encontrámo-nos deante d'um armario de vidro onde se viam os primeiros vestigios do homem; então, ás minhas perguntas elle voltava a cabeça e dizia-me: — não é a minha *vitrine*.

Senti que fora indiscreto. E preciso não pedir nunca a um sabio a explicação dos segredos do Universo se não estiverem no seu armario.

Não receiemos nunca conceder aos artistas do passado um ideal que não tenham tido. Não ha admiração sem uma pouca de illuzão, e comprehender uma obra prima, é, afinal, creal-a de novo dentro de si proprio.

As mesmas obras reflectem-se diversamente nas pessoas que as contemplam.

Cada geração procura uma **emoção nova** na obra dos velhos mestres. O **espectador** melhor dotado é o que encontra, como **resultante** de felizes contrastes ou contrasensos, a emoção mais pura e mais forte.

A humanidade não se liga com paixão senão ás obras d'arte ou de poesia em que haja partes obscuras ou susceptíveis de interpretações diversas.

Tal homem terá sempre por seu lado a multidão, desde que tenha em si absoluta certeza e confiança.

A multidão pede affirmações e não provas; as provas perturbam-n'a e embaraçam-n'a. É simples e só comprehende a simplicidade. O que é preciso, não é dizer-lhe, como ou porquê; mas simplesmente — sim ou não.

A. FRANCE.

A **redacção da Gazeta Colonial**, commentando uma carta que o dr. Almada Negreiros lhe enviou sobre a revolta de Angola, e em que o sr. Negreiros exalta **patrioticamente** as qualidades nobres de Portugal, diz com **ironia** e superioridade:

«O **posso** correspondente modestamente proclama que a **nação** a que tem a honra de pertencer é a mais valente, a mais perseverante e a mais nobre.

Não será licito discutir a nobreza d'uma **nação** que se tornou cúmplice da Inglaterra no crime sul-africano» —.

Um collega que noticia este facto termina por dizer: «Talvez haja quem tenha a coragem de responder com tropos á gazeta de Bruxellas.

Nós não temos».

Respondemos nós. Prova-se, absolutamente, pela Historia de Portugal, que o povo portuguez é dos mais valentes, perseverante e nobre.

Quanto á **culpabilidade** no crime sul-africano, respondemos que (se a houve) pertence exclusivamente ao governo.

Ora o sr. Almada Negreiros não diz que os governos em Portugal são valentes, perseverantes e nobres; mas que o é a **Nação**, isto é,—o povo. E isso não se discute.

As **nações** pequenas, que enfraqueceram pelo desleixo tem de soffrer vergonhas justas. Não admira; o que admira, ainda a proposito do crime sul-africano, é que a França não consentisse o desembarque de Kruger n'um porto seu. A França!

Isto sim; isto é que é **valentia** e nobreza. As **nações** da Europa foram nobilissimas ante o crime sul-africano! mas como é preciso que haja sempre—o burro cúmplice do mal terrível, como na peste de Lafontaine,

—o burro é Portugal? — Coitados dos valentes, perseverantes e nobres Belgas!

Que se diga dos governos tudo o que se quizer, a mal, tudo é pouco e tudo é justo; mas a Portugal não é licito a um jornalista portuguez apoiar a menor offensa porque os povos são escravos dos politicos e não tem nada de commum a honra de uns com a dos outros.

O sr. Almada Negreiros andou como portuguez: o homem da Gazeta andou como um sendeiro ou como belga que, pelos modos, é uma e a mesma coisa. O jornalista portuguez andou... como lhe ditar a consciencia.



### ZÉ POVINHO E SEU COMPADRE

Zé Povinho sae de casa,  
Mata o bicho co'um *codorio*.  
E vae ao Senhor da Serra  
Com seu compadre Liborio.

Como são ambos dois *gajos*  
De afinada bossa critica,  
Vão andando e discutindo  
Mysterios d'alta politica.

— Estas coisas andam tortas,  
Diz o Zé em tom pausado...  
Se não vale o *Sôr* da Serra  
Lá vae tudo empandeirado!

— E' *verdade*, seu compadre,  
Se o Zé Luciano não vem  
Lá vae tudo para o guano,  
E não se salva ninguem.

— Bom ou mau, que Deus conserve  
O senhor Hintze Ribeiro,  
Quando não tinhamos dado  
Com as ventas n'um sedeiro!

— Diz-me o prior que esta coisa  
Ha de salvar-a o Baracho,  
Quando sobre o que já tem  
Atarrache outro pennacho.

— Pois teima o meu sapateiro  
Assentado no seu banco,  
Que nos valha o *Sôr* da Serra  
E ao *depois* o João Franco.

— O albardeiro meu visinho,  
Homem que sabe latim,  
Morre p'lo Jacintho Candido...  
Por crer que elle é mesmo assim.

— O barbeiro lá da escada,  
Quando ás vezes se *constipa*,  
Quer o Julio de Vilhena,  
Por se lembrar da Filippa.

— Agora sério, compadre,  
Cá por conselhos da prima,  
Apenas me enche as medidas  
O Senhor Magalhães Lima.

Assim foram discutindo  
E visitando as tabernas...  
Chegando ao Senhor da Serra  
Mal se aguentando nas pernas.

— Fostes ao Senhor da Serra,  
Cantou-lhes uma ovarina...  
Não me comprates anel  
Mas apanhastes cardina.

**Telegraphia comica:**

«Em Almeria, as autoridades detiveram quando iam embarcar, seis mulheres que tinham sido vendidas a um francez. O governador impoz uma grande multa a dona d'uma casa suspeita d'aquella cidade.»

Não se percebe a ira do governador.

Todos os dias se compram e vendem mulheres em todo o mundo, nas cidades mais civilizadas, e ninguem se importa com isso.

Nem o grande estadista do seculo, Ernesto Colbert-Richilieu-Pitt-Mazarin da Costa-Pombal-Hintze Ribeiro, se dignou descer o olhar myope e redemptor sobre taes factos. E vae o governador de Almeria, a dar-se ares...

Temos ciuemeira no caso.

«Porto, 24 — T. — A respeito do celebre caso Esteves Ribeiro, ha hoje o seguinte: Os policias que teem andado na perseguição de Joaquim Araujo encontraram rastros d'elle em varias terras do Minho, apurando que usa alpercatas, que cortara o cabelo e rapara o bigode.»

D'onde se conclue que o homem anda com os pés, o cabelo e a cara pelo chão; tendo ainda a particularidade de deixar rastros com as coisas que não tem: cabelo e bigode.

De modo que temos:—A *Herança Misteriosa* para titulo; o heroe *Araujo* de encarnações varias, invisivel e rocambolico...

Não ha por ahi um Terraill em disponibilidade para o romance ou quatorze dramaturgos para uma peça?

**Partido Nacionalista:**

Todos nós sabemos como se odeiam, aparentemente, a bem da rhetorica nacional os dois partidos militantes de Portugal. E digo a bem da rhetorica nacional, porque os outros combates, os combates de idéas e de principios, são meras formulas com que os governos antecipam as votações altivas e liberrimas das suas maiorias! Oh!

O que sáe, cada anno, do ventre da representação nacional, é o trôpo engraxado a capricho, é a prosopopeia rejuvenescida, vestida de branco, de cabellos louros, bella, ai, bella a fazer enlouquecer um juiz do supremo tribunal ou o bacharel novato que a encontra pela primeira vez a dobrar a esquina d'um projecto sobre — o atum.

Tudo o mais fazia-se e obtinha-se sem representações, o que devemos confessar seria mais rapido e mais barato.

Mas o odio dos partidos esse persiste e avigora-se no palco das Camaras para esmorecer nos corredores e desdobrar-se, alfim, em intima amizade, por salões de dança, recepções familiares e redacções de jornaes.

Apparentemente, porem, é preciso mostrar odio, má vontade, em publico, e intrigar o partido contrario com partidas, verdadeiras garotadas, pensadas á banca do jornal ou nas cavaqueiras dos Centros.

Assim quando apparece n'um dos partidos um despeitado, o partido contrario trata logo de lhe dar razão, de o apoiar: está visto, não o querem, hein? Compete-lhe, meu amigo os seus direitos... os direitos de sua excellencia, pois então?

E protegem-n'o, amparam-n'o, ameigam lhe a cabeça pousada no colo do partido... injustiça, vilania, exclamam!

E em segredo: o que v. devia fazer era arranjar um

partido novo; digo-lhe isto... um partido novo e nós cá estamos.

— Não tenho partidarios.

— O que? quando cae um governo em Portugal ha tres classes de partidarios, em disponibilidade.

— Como assim?

— Tontinho: os que não foram servidos pelo partido que cae; os que pretendem pela primeira vez; e os que não saíram ministros no ministerio que entra! São tí ao todo? pequeno é um phosphoro e incendeia um palacio! Os discipulos de Jesus eram doze. V. não precisa prégar em todo o mundo, basta prégar no paiz: já vé que seis apóstolos, mais ou menos catraeiros — chegam e sobejam.

E o novo partido surge! E o paiz pergunta: Mas que partido é este? É um bocado que caiu do outro, estava rachado! Ah!

Eis o segredo do partido *Nacionalista*.

**MOTE**

Pobre Zé! Todos te comem  
Com maior ou menor arte;  
Por dentro tens serradura,  
Como has de tu entesar-te?!...

Todos de ti fazem pouco,  
Ninguem te toma por homem,  
Julgam-te um reles bacôco,  
Pobre Zé! Todos te comem.

Os *probos* commerciantes  
Só tratam de envenenar-te;  
E's roubado por tratantes  
Com maior ou menor arte.

Toda essa corja só visa  
Pôr-te nu. á dependura,  
Por fóra nem tens camisa,  
Por dentro tens serradura.

Ninguem de ti se acobarda  
Pois se quizer's revoltar-te,  
Surge o chanfalho da guarda,  
Como has de tu entesar-te?!...

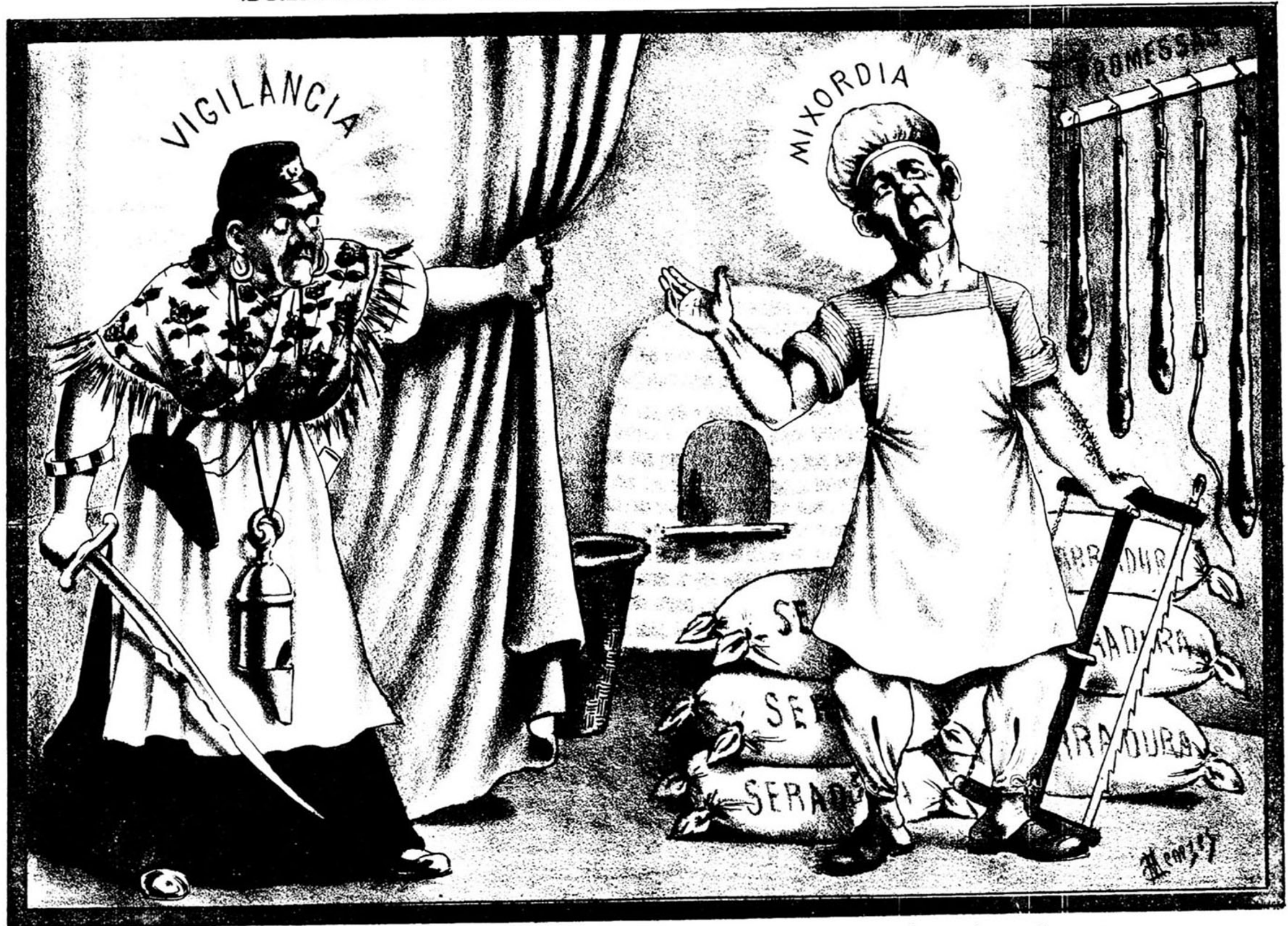
BATOQUE.

**Concurso.**

A *Comedia Portugueza* offerece com a maior lealdade a todos os novos, as suas columnas. Prosas, versos, desenhos, toda a collaboração artistica ou litteraria cujo valor seja reconhecido, será acceita n'esta redacção e publicada. No momento em que o juizo do publico valorise qualquer producção essa será paga em harmonia com a dos collaboradores actuaes do semanario.

Pede se o favor de notar a indole do jornal, e adaptar portanto as producções ao seu modo de pensar e de dizer d'elle.

Julgamos prestar um serviço, facilitando o apparecimento de aptidões e remunerando-as. Os originaes que se não publicarem ficam propriedade da redacção.



A senhórá da... atalaya...

O verdadeiro senhor... da serra





ARTES  
COSTUMES  
LITTERATURA  
COSTUMES  
LITTERATURA

# PORTUGUEZA

Director — MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR  
Antonio da Fonseca e Sousa

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
T. DA BOA HORA, 39

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO  
Typ. e lith. R. de Sousa & Salles  
R. N. do Loureiro, 25 a 39

**ANNUATEARIAS** (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros)	15000 réis	Brazil, anno (52 numeros)	25500 réis
Semestre (26 numeros)	8500 réis	Africa e India Portuguesa, anno	15000 réis
Coabrança pelo correio	5100 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros)	15500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a  
Travessa da Boa-Hora, 39, 1.



Cosmo Netto



## COELHO NETTO

Damos hoje o retrato de Coelho Netto uma das mais poderosas individualidades litterarias do Brazil, eximio escriptor e romancista. Infelizmente a obra de Coelho Netto onde resaltam as mais altas qualidades de observação e de sentimento, é quasi desconhecida entre nós como a da maior parte dos homens de letras brazileiros, prosadores e poetas.

Fazendo-os entrar na nossa galeria temos por fim prestar-lhes homenagem ao talento e vulgarisar-lhes os nomes a despertar em Portugal o desejo da sua leitura.

Coelho Netto é dos que mais direito tem a ser lido e admirado.



(a) Se lá fóra, nos paizes civilizados, o jornalismo possui um alto e indiscutivel poder, entre nós esse poder é — axiomáticamente capital.

Logicamente, poder-se-hia concluir que todas as altas qualidades do jornalismo estrangeiro, tanto se sublimaram, no nosso, que o fizeram occupar o lugar de mestre inexcédível, de critico, de juiz, de director espirital da sociedade portugueza.

Assim diria a logica: mas por um capricho das coisas foram e são justamente as qualidades inversas, as que lhe alcançaram o lugar que occupa na vida portugueza.

Toda a vida politica e ainda toda a vida particular, burgueza, nos seus varios modos de ser — crenças, costumes, moral — é, hoje, exclusivamente o reflexo da opinião jornalística. A honra, o merito, o valor, a intelligencia, como a mesquinhez, o demerito, a vileza de toda a gente, alta ou baixa, do nobre e do plebeu, do medico e do charlatão, do ministro ou do guarda nocturno, teem como alicerce, como prova, como principio vital — a opinião dos jornaes.

Todo o valor litterario, artistico, scientifico se ella o não escudar — não existe!

Porém, que homens de sciencia vão levar aos jornaes portuguezes os fructos dos seus trabalhos e de suas fadigas?

Nenhum.

Que primeiros nomes na litteratura subscrevem n'esses jornaes, os productos do seu trabalho cerebral, as suas produções de homens de letras como pensadores, criticos, phylosophos? Nenhum. Que artistas consagrados expõem nos periodicos as suas idéas de arte, as suas creações? Nenhum.

Quantos de ignorados pensadores, de desconhecidos sabedores, de graves trabalhadores honestos, ricos de seriedade e de estudo, ousam falar, educar, na grande tribuna da imprensa diaria? Nenhum. Abram-se de par em par esses jornaes que ahí andam e a não serem os nomes dos officiaes do officio que se adivinham — que nem lá estão — por debaixo de artigos de enfezada e reles politica partidaria, que nomes se lêem,

com auctoridade, com direito de falar, de dizer, sem que o falar seja uma audacia e o dizer um insulto? Nenhum.

Mas se não tem auctoridade scientifica, nem litteraria, nem artistica, se não é por nenhuma d'estas que o jornalismo occupa o capitulo, é então pela auctoridade politica, pelo patriotismo, ao menos, a nobre qualidade dos Pitt e dos Pombaes?

Seria irrisorio affirmar-o n'um paiz levado á clara vergonha d'uma decadencia miseranda!

Em quanto os ultimos homens do periodo revolucionario portuguez viveram — os jornaes portuguezes representavam, pelo menos, opiniões sinceras, credos que se debatiam, idéas, convicções.

Então os jornaes tinham o interesse das coisas sérias, para o pequeno numero de leitores; mas numero que, a seu turno, tinha ainda crenças, porque era capaz de se bater, como o havia feito. O politico conhecia o leitor e o leitor o jornalista. Havia para ambos, em qualquer que fosse o campo, uma coisa ainda bella n'esse tempo, amada sobretudo, querida, sagrada — a Patria.

O periodo revolucionario extinguiu-se; os homens morreram, a dança constitucional começou a passar, o publico infastiou-se: em vez de vozes de gente começou a ouvir uivos de esfaimados e a Patria começou, em metamorphose de poeta de alcouce — a transformar-se em Ventre.

A imprensa de idéas morreu, appareceu a das lérias. Ora, um jornal só pode agradar ou por ser superiormente escripto ou por ser imbecilmente arranjado. A segunda maneira é a mais facil. O povo é estúpido, ignorante, aproveitemol-o, conservando-o na estúpidez e na ignorancia.

E d'ahi nasceu essa forma jornalística, amavel para com todos — pequenos e grandes, sem idéas proprias, sem criterio, sem uma orientação elevada, sem um fim nobre, sem uma aspiração digna, sem sciencia, nem consciencia.

E, como se reconhecesse que esta maneira mesquinha, servil, aparentemente delicada, era a verdadeiramente productiva, fechou-se a tribuna e abriu-se a mercearia.

Entre nós os jornaes que mais se elevaram no agrado popular, fizeram da dependencia a bussola da marcha e do servilismo a arma da victoria.

N'este rico paiz, para esses poderosos, um ministro qualquer, foi sempre: — o nobre ministro; todo o juiz, «o integerrimo»; todo o deputado, «o illustre»; todo o negociante «o honrado»; toda a dama citada a «virtuosa»; todo o militar «o brioso»; todo o fiel patife de quem se houvesse de falar — desde Melgaço a S. Vicente, «o nosso amigo»!

Caminhando manhosa e pacientemente, salamaleque á direita, salamaleque á esquerda; nunca atacando pontos graves e vitaes de biologia; sobrepondo sempre pessoas a idéas, sempre pela rama, cautelosamente, olho nos ouvidos para evitar despeitos; a ameaça sempre ambigua, a opinião sempre velada; ao lado da maioria; vitalizando futilidades; acariciando a miseria mental, com o vulgar, com o reles, accessivel a todos os entendimentos; assim se elevaram, corrompendo os caracteres pela omissão das virtudes civicas, acabando a raça pela acção do exemplo perversor que dá a visão continua da victoria certa, no meio social, pela abdicação do orgulho humano, — essa altiva qualidade cantada por Horacio.

A esses jornaes mais que a nenhuma outra causa se deve attribuir a baixa moral dos portuguezes d'agora.

Foram a leitura de longos annos, mesquinha, reles, razando sempre pela mediocridade das idéas e dos sentimentos.

(a) Este artigo é escripto em these geral.

Asylos de nullos e de pedantes, biblias da conveniencia, da moral de Alves de Souza, da prudencia — *vir prudens* — do opportunismo, da sciencia pulha da vida, lentamente, pelo esquecimento voluntario das nobres causas e das nobres luctas, cercaram d'uma atmospheria enervante, podre, o espirito publico, — a alma popular.

A lucta é a vida; e a paz que caiu sobre Portugal do meiado do seculo para cá, os jornaes, unica leitura dada e possivel ao povo e quando digo ao povo quero dizer a toda a gente,—ou se degladiaram em luctas particulares de interesses privativos ou encheram os bôjos de futilidades, de subservencias e de bernardices.

Todo o enorme movimento scientifico da ultima metade do seculo, como o litterario, como o artistico, aonde está apontado, descripto, criticado na imprensa periodica portugueza?

Ninguem o viu. O povo é o mais ignorante da Europa, desprezando todas as coisas graves e sérias, mas ligando a maxima importancia a um atropelamento ou a um suicidio.

Da sua historia, da historia da sua vida desde que é povo independente não sabe uma palavra: as coisas mais triviaes das sciencias, ignora-as ainda ao sair das escolas superiores; não conhece os seus litteratos, os seus artistas, os seus sabios. Não conhece um palmo do seu paiz ou das suas colonias, nem usos nem costumes, nem producção — nada!

De si, do seu proprio corpo tem as idéas mais comicas dos Botucudos; da parte moral da sua existencia tem a noção de que tudo se faz pela vontade e ordem de Nosso Senhor.

Dirá o leitor que isto é quasi ser selvagem? E é.

Ha só a differença que vae da tanga ao casaco, do chapéu de côco, na cabeça, á penna de avestruz.

Que fizeram então durante cincoenta annos no remanso da paz, esses apostolos do progresso e da civilisação, esses donos dos pulpitos em cujo docel se gravam sempre as palavras de— instrucção, critica e ensino?

Um povo de miseraveis, sem voz, sem valor e sem vergonha!

É cruel e doloroso dizer isto; mas esta é a verdade, tristissima, brutal—diga-se.



### Scena tragica

ELLE — Amo-te com calor; e tu, rata pellada,  
E's fria muito mais que as pedras da calçada!...  
Mas treme da vingança o formidavel raio!...

ELLA — Não delires assim, Jeronymo Sampaio!...

ELLE — Rojarás a meus pés, ó burra do fanico!

ELLA — Occultas no gibão qualquer faca de bico?

ELLE — Essa moda passou, e que diabo a leve!

ELLA — Tens modo de matar que seja inda mais breve?

ELLE — Tenho, e tu o vaes ver! Muitissimo se approva,  
E chama-se matar por conta d'arte nova!

(*Puxa por um pão de serradura e mette-l'ho pela guella abaixo.*)

ELLA — Oh ceus! oh magua, oh dôr! eu tremo eu desfaleço!  
Morro aqui como um cão! Bolas para o progresso.

*Em tom comico!*

(Na sua afflicção  
Ninguem a soccorre;  
Assoa-se á mão,  
Dá guinchos e morre).

### É TUDO, TUOO, TUDO

A menina que entre queixas  
Namora como damnada,  
Para agradar aos lamechas  
Põe vermelho nas bochechas,  
E fica falsificada.

A D. Euphrasia Saraiva  
Com seis dentes na queixada,  
Vae comprar dentes ao Paiva,  
E fica mettendo raiva,  
Matrona falsificada.

O velhote, p'ra que finja  
De janota namorado,  
Pede ao barbeiro que o tinja,  
P'ra lhe chamarem um ginja  
Palerma e falsificado.

O que sáe fóra de portas  
A' procura de ar lavado,  
Vem de lá co'as pernas tortas,  
Tendo apanhado nas hortas  
Um pião falsificado.

A costureira, menina  
De chásinho assucarado.  
Vae ao tendeiro da esquina  
E traz de lá margarina,  
Em sebo falsificado.

Padeiro, que ama a ganancia  
E chega a christão safado,  
Se é mestre na nigromancia,  
Compra a farinha da estancia  
E faz pão falsificado.

O que vende leite em bilhas,  
Vende-o sempre desnatado;  
E reza por taes cartilhas.  
Que nem diz se nas vazilhas  
O acείο é falsificado.

Poeta que chora amores  
Depois de grande taxada  
De variados licores,  
Impinge a *amaveis leitores*  
Lamuria falsificada.

E' tudo (falando a sério  
A'laia d'um deputado);  
E, segundo o meu criterio,  
Só nos falta um ministerio  
Que seja falsificado.



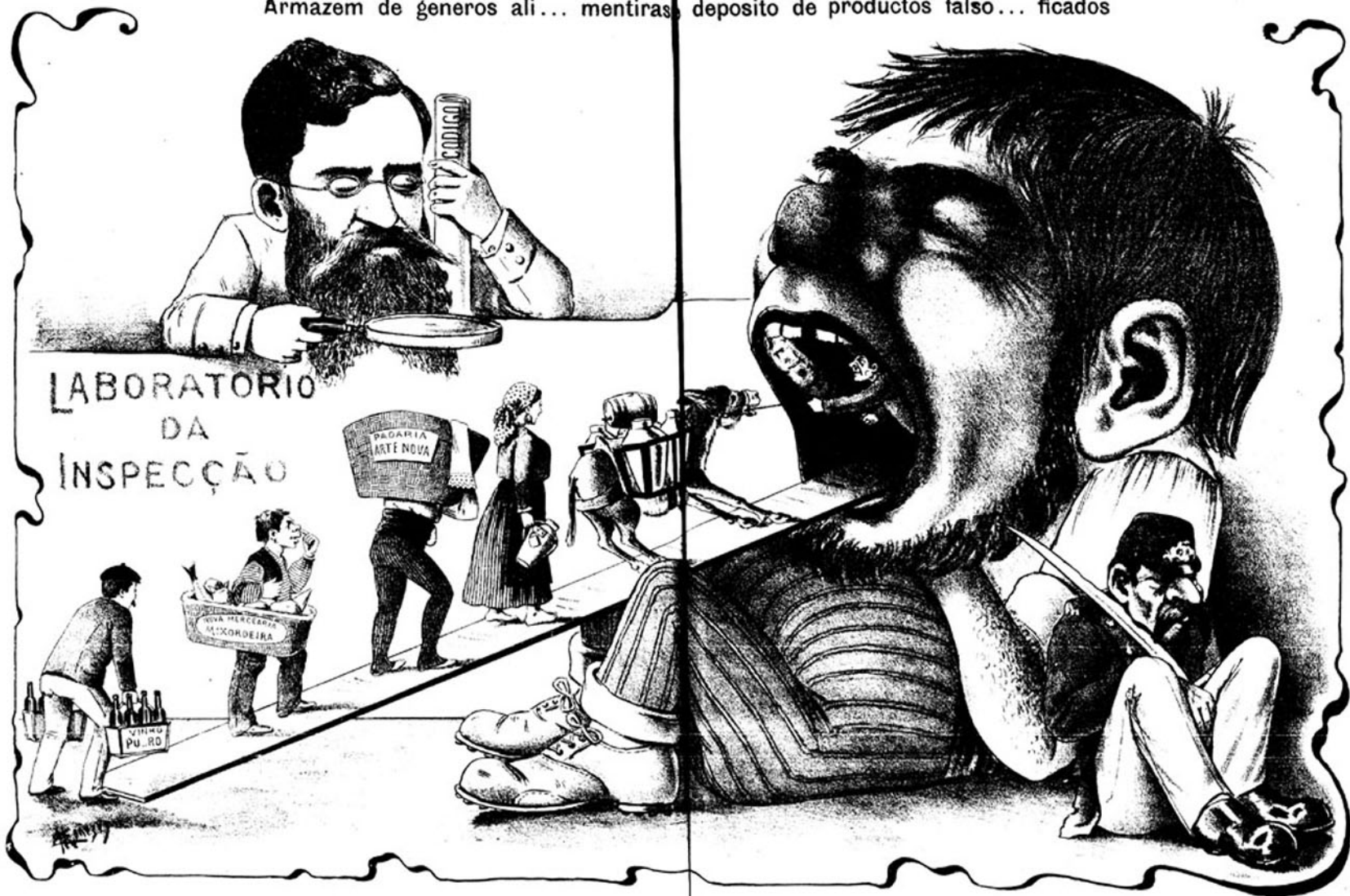
Tudo no camelo se aproveita, louvado seja Deus. D'ahi a veneração do arabe pelo seu velho e insubstituivel amigo.

Agora descobre-se ainda que o pello do utilissimo animal, em almofada, é um remedio heroico contra a insomnia, e que basta esfregar as fontes com elle para debellar a enxaqueca.

Doença e remedio vulgar de facil experimentação: enxaquecas toda a gente tem, e camelos é o que não falta por este mundo.

Está-se a prever uma nova industria para os cambelleiros finos.

Armazem de generos ali... mentiras, deposito de productos falso... ficados



A *Revista Litteraria, Scientifica e Artistica*, — e vá lá este reclamosinho para o collega que nem teve a banal delicadeza de noticiar a nossa appareição — inaugurada pelo *Seculo*, sob a direcção do director do *Conservatorio*, da *Revista* do mesmo, do conselho dramatico, e da dita *Revista*, abre com um artigo de Souza Monteiro, sobre o Emmanuel.

O valor de Souza Monteiro não se discute como homem de letras de subido valor que é. No entanto, em seu artigo que li, o que faço a poucos dos nossos, algumas passagens surprehenderam os meus olhos.

Logo de começo escreve o distincto academico:

«Disse-me um dia artista portugueza, das mais altas, interrogada n'este ponto estricto, que o primeiro actor do nosso tempo era o Emmanuel. E disse-m'o sem leve hesitação. E comtudo, quanto á maior actriz dos nossos dias, só com certa duvida, que se entremostrou em hesitar brevissimo, se abalançou a nomear-me a Duse. Ratifiquei para mim depois, perante os dois artistas, a intelligente apreciação que ouvira. Com uma differença apenas: sem a ligeira hesitação que disse

Isto explica porque o Emmanuel, a mim e todos, pareceu tão grande em *O Rei Lear*, maior que seus mais gabados emulos».

Perdão! porque a actriz julgava Emmanuel o maior actor explica-se o parecer a vossa excellencia e a todos que elle o era?

Logicamente, hei de concluir que admittida tal explicação para o agrado, se a actriz não responde como respondeu, o Emmanuel arriscava-se a ficar no conceito geral e de vossa excellencia, ali á altura do Batecasacas, nosso interprete em D. Maria II! Ora esta!

Entra o escriptor. a seguir, em pontos de physiologia. Começarei por admittir os *corações fallantes*, para ser agradável á doce expressão romantica: «são o gemido e o grito a genuina voz do coração»; e levarei a minha complacencia a não contradizer a ousada affirmação de que: «—o homem não tem apenas coração, tem tambem alma», porque sua excellencia havia de se vêr grego para me provar a segunda parte.

D'aqui, deduz Souza Monteiro que ha quatro manifestações de dôr. Duas que vem do coração: —o *gemido* e o *grito*; duas que derivam da alma: —a *falla* e o *canto*.

Mas estes *mandamentos* se encerram em dois conforme a «*indole individual*»: o *brado* e o *gemido*, que demais se não reúnem senão excepcionalmente: «quem geme não brada nunca ou raramente brada a dôr que o punge». D'aqui parte Souza Monteiro e classifica os doloridos do coração e por analogia os imitadores, os actores, em *gemedores* e *bradantes*, justificando a classificação com os symptomas externos perante a dôr, dos homens do norte e dos do meio-dia.

E postas assim as permissas, conclue que Emmanuel erra a dicção da scena 1.<sup>a</sup> do 3.<sup>o</sup> acto do Othello, quando sentindo «para sempre o moiro irremediavelmente empeçonhada a alma, *extinta a voz*, para sempre a alegria, a serenidade, a santa a heroica alegria e serenidade da sua vida» tem de dizer: *Adeus para sempre, tranquillo pensar, alegria...* etc.

E porque erra? Ouçamol o:

«Emmanuel n'um tom de profundo e sentido abatimento, que se não ouvia, é bem de crer, com alma fria e ouvido indifferente, gotejava, em voz submissa, de rosto baixo, para a terra, para o chão, essas palavras que haviam sido escriptas para a luz e para o azul, a advertirl-as que não se alassem no ar, como se no azul e luz para que eram não estivessem mais visinhas, de nós, da nossa alma da nossa commoção.»

Não estavam tal: á nossa alma, segundo a opinião academica encerrada no nosso corpo, sentado na plateia, passavam-lhe mais perto as palavras ditas para o tablado do palco do que atiradas por cima das gambiarras para o urdimento. E' claro.

Ainda n'esta ultima razão foi infeliz Souza Monteiro, como na anterior em que esquecido de que dissera que o gemer e não bradar era resultado da «idade,

a natureza, a indole da pessoa...» esquece que Emmanuel tinha sessenta annos metade dos quaes dados á dôr, ás grandes máguas intimas, ás difficuldades da vida que o haviam tornado um quasi misanthrópo.

E quere-o um *bradante*? E o mais curioso depois de dizer que o moiro com a noticia da infidelidade de Desdemona ficára com «a alma empeçonhada, *extinta a voz!*...

Bradar sem voz? Já é illusão de theorias!

Garanto ao sr. Souza Monteiro que o hei de tornar a lêr: mas affirmo-lhe, tambem, que em o vendo entrar pelas physiologias... era uma vez.

Uma nova dá, porém, sua excellencia que, ainda que me espante, acredito, por vir de quem vem, quando diz perorando:

«Pobre e grande Emmanuel. Cerrou-lhe os labios que deram de novo no tablado a tanta creação a vida que no livro outros lhe haviam dado já, com o gelo dos seus *sete sellos infrangiveis* o inflexivel archanjo da morte.»

Pelo visto, a lei do sello, na Italia, ainda é peor do que a nossa.

Sete sellos!

Alegre-se, sr. Hintze.



#### MOTE

«Os ventos, que á noite zunem,  
«Na crusta dos arvoredos;  
«Sabem sim, mas não revelam,  
«D'aquella campá, os segredos.»

#### GLOSA

A's vezes, por noite pura,  
Cheia de branco luar,  
Minh'alma quer penetrar  
Os segredos da Natura.  
Admiro a formosura  
Das *nuances*, que reúnem  
O mar e o céu, que se fundem  
Ao longe, no occidente;  
Quando sinto brandamente  
Os ventos, que á noite zunem.

Abysmado em tal grandeza,  
Meus olhos fictam os céus,  
Onde dizem, que está Deus,  
O auctor da Natureza.  
Pois foi Elle, com certeza  
Quem lhe deu encantos ledos!  
A vida tem mil segredos  
Em que fico horas pensando...  
E a brisa vae ciciando  
Na crusta dos arvoredos.

Se eu além da sepultura  
Podesse ainda pensar,  
Havia de perscrutar  
O que é a morte escura.  
Vêr a Deus, na grande altura,  
Coisas que os homens novelam,  
E por saber tanto anhelam,  
Mysterios, que os mortos calam,  
Pois como elles não falam  
Sabem sim, mas não revelam.

Ha dias, n'um cemiterio,  
Stando na Parca a scismar,  
Quasi estive a desvairar  
Por qu'èr entrar no mysterio.  
Ali, no campo funerio,  
Enchi-me todo de medos,  
Quando ouvi, d'entre os folhedos,  
Uma voz assim bradar:  
«Não poderás devassar,  
«D'aquella campá, os segredos!»



## JARDIM DE EPICURO

A esthetica não repouza sobre coisa alguma solida. E' um castello no ar. Baseiam-n'a na ethica; mas a ethica não existe, como não existe a sociologia nem a biologia. O acabamento das sciencias só existiu na cabeça de A. Comte, cuja obra é uma propheta.

Quando se constituir a biologia, d'aqui a alguns milhões d'annos, poder-se-ha constituir a sociologia. Então o nosso planeta será bem velho e tocará o extremo dos seus destinos. O sol cujas manchas já hoje nos preocupam, só mostrará á terra a face sombria e fuliginosa semi coberta de escorias opacas, e. os ultimos homens retirados nas grutas terão pouco tempo para dissertar sobre a essencia do bello, occupados em queimar, nas trevas, os ultimos bocados de hulha, antes de se abysmarem nos gelos eternos.

Para fundar a critica fala-se da tradiçãõ e do consenso universal. Tal não ha. A opiniãõ quasi geral que fornece certas obras é filha do prejuizo.— não da preferéncia espontanea.

O gosto que nos leva para os classicos e ainda para certas obras contemporaneas é determinado por circumstancias estranhas e sobretudo pelo espirito de imitaçãõ. Este espirito entra em todas as nossas acções e domina o nosso senso esthetico. O que prova bem que o accordo provem do prejuizo e que elle cessa com elle. Exemplo:

N'um exame deu-se, para ditado, uma pagina sem assignatura. Citada nos jornaes foi objecto de troça. Era de Michelet, do melhor tempo.

Exemplo contrario: Victor Cousin descobre em Pascal sublimidades.

Vae-se a vêr e são erros do copista!

Ossian egualava-se a Homero quando o imaginavam antiquissimo: perdeu fama e nome quando se soube que era Mac-Pherson.

Quando os homens tem admirações communs e as explicam—a concordia muda-se em discordia. Seria curiosa a historia das variações da critica sobre as grandes obras.

No seculo XVII, dizia Boileau: ficae certos de que se Homero empregar a palavra *cão*— e porque ella e nobre grego. Louvor ás regras da epopeia.

Essas idéas parecem-nos ridiculas, como as nossas o parecerão d'aqui a duzentos annos.

E' preciso pois não fazer critica nem esthetica? Nem tanto; mas é preciso saber que é uma arte que precisa conter paixãõ e agrado sem o que a arte não existe.

A. FRANCE.



Recetta contra o mau cheiro dos caunos

Meia Lisboa andava parvoa e pécca.  
O mal já alastrava por Bemfica:  
E, tanto a gente pobre como a rica,  
Padeçia os tormentos da *cuxaqueca*.

Mas um doutor, que dentro da *marreca*  
Trazia quanto Hippocrates *explica*,  
Pôz-se a estudar n'um canto da *botica*,  
Coçando na symbolica *careca*.

E tanto estudo faz; até que *saca*,  
Dos profundos abysmos do seu *caco*  
Remedio que de frente o mal *ataca*.

Disse: — «O mal vem das pias p'lo *buraco*,  
O cheiro a combater é o da *caca*,  
E o remedio é só um — tomar *tabaco*.»

## CABELLO LOURO

Eu tinha um cabelo louro,  
Enroscadinho em serpente.  
Que brilhava docemente,  
Guardado n'um cofre d'ouro.

Em o bello sol nascendo,  
Quer d'inverno, ou de verão,  
La vê-lo estremecendo,  
Palpitante o coração...

Com meus prantos o regava,  
Como se fosse a uma flôr,  
E, pelo que me lembrava,  
Ja lhe tinha muito amor.

Porque esse cabelo louro,  
Enroscadinho em serpente,  
Fôra o ultimo presente  
D'uma mulher, qu'inda choro.

Um dia o cofre dourado,  
Por meu mal, ficou aberto  
E o vento levou, de certo  
O que eu tanto tinha amado.

Nunca mais pude esquecer  
Esse cabelo tão louro,  
Que, quando estava a morrer,  
Me dera a qu'eu inda choro.

A' mercê da ventania  
Anda agora com certeza...  
Levou-me a minha alegria,  
Deixou-me só co'a tristeza!

Pois esse lindo cabelo,  
Enroscadinho em serpente,  
Não mais brilhou docemente,  
Em o sol nascendo bello.

FRANCISCO PASSOS.



Final curioso d'uma grande correspondencia de um grande jornal da grande cidade de Lisboa,—a jogar com o nosso artigo da chronica.

«Tivemos o gosto de abraçar hontem o *nosso bom amigo* e distincto pianista Hernani Braga, que é tambem um compositor de reaes meritos e um professor dos apreciados de Lisboa.

O *nosso amigo* partiu á tarde para Colonia e Berlim. Cremos que se demorará cerca d'um mez na Allemanha.

Encontram-se aqui muitos compatriotas.

A' porta do hotel de Bade estivemos com o *nosso amigo* dr. Pedroso de Lima, que voltára ha dias da Hollanda e da Belgica, acompanhado de sua esposa e filho, e que parte no *sud-express* hoje para Lisboa.

—Sabemos que no começo da semana deve chegar a Paris o *nosso amigo* João Jacintho Fernandes para se demorar aqui um mez. Está actualmente em Aix.

—Partiu de Paris para Londres o *nosso amigo* o escultor Queiroz Ribeiro. Foi alli encarregado d'um trabalho para lord Balfour.

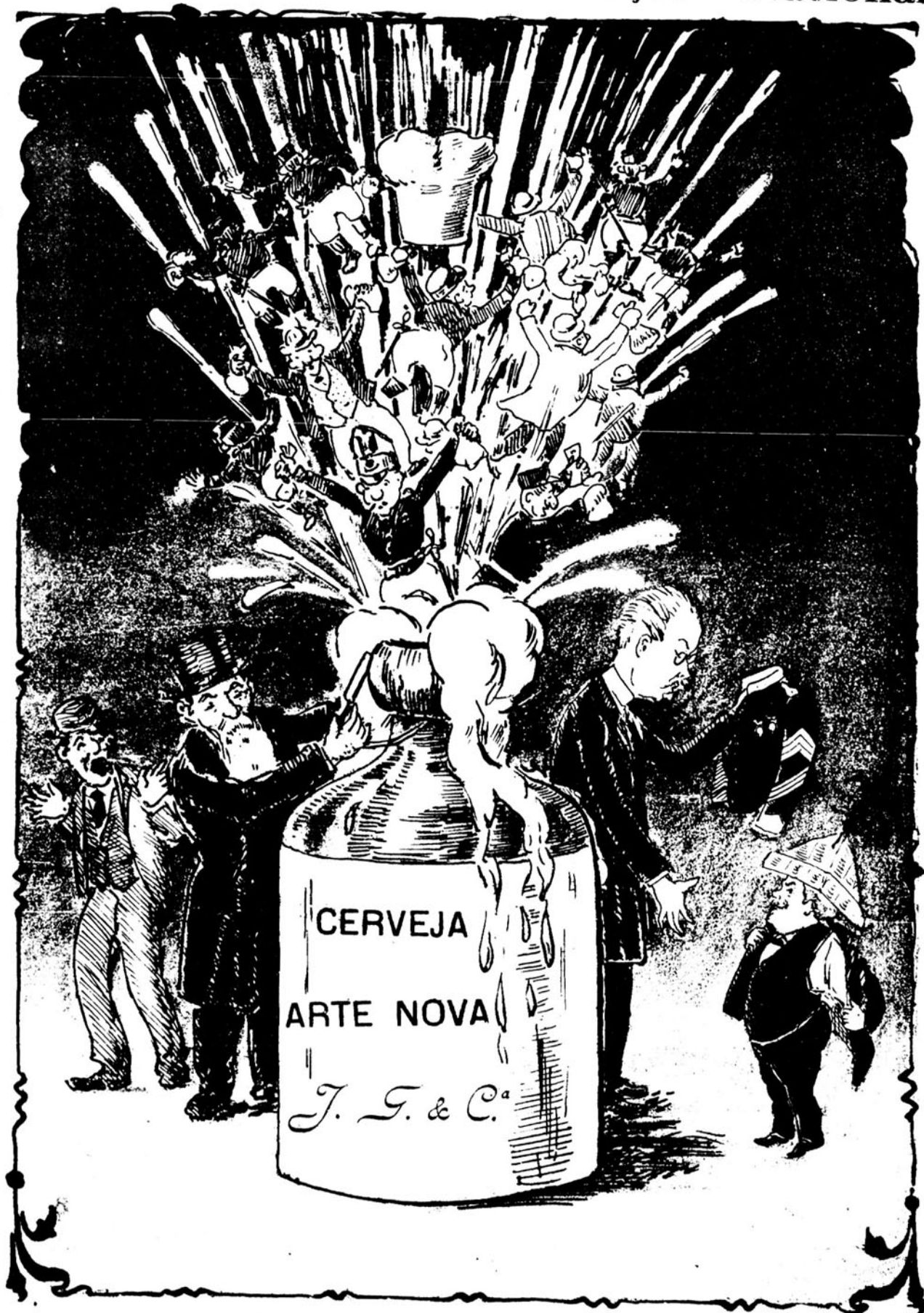
—Partiu de Paris para Lisboa, o *nosso amigo* sr. dr. Oliveira Luzes, após uma viagem pela Belgica e Allemanha.»

E' ou não curioso, leitor?

Quantos homens terá este escrevente inimigos ou indifferentes?

Em vinte linhas seis amigos! deve ser muito sympathico este moço!

# Phenomenos da «Fermentação» Nacional



— Toma lá esta farda nova e vae para casa descansar, meu menino.

# Comédia

# PORTUGUEZA

DIRECTOR - MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR: Antonio da Fonseca e Sousa      REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: T. DA BOA HORA, 39      COMPOZIÇÃO E IMPRESSÃO: Typ. e lith. R. de Sousa & Salles, R. N. do Loureiro, 20 a 22

**ASSIGNATURAS (PAGAMENTO ADEANTADO)**

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 1.500 réis	Brazil, anno (52 numeros)..... 2.500 réis
Semestre (26 numeros) ..... 800 réis	Africa e India Portuguezas, anno... 1.000 réis
Cobrança pelo correio..... 500 réis	Estrangeiro, anno (52 numeros).... 1.500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



EMMANUEL



## EMMANUEL

Quizemos, ha dias, quando foi da morte do grande actor, honrar a *Comedia Portugueza* com a publicação do seu retrato.

Não o podemos alcançar então, porque não o havia em Lisboa.

Crendo que os nossos leitores nos agradecerão o mostrar-lhe a physionomia intelligente e bondosa do primeiro actor do nosso seculo o que é dizer do primeiro actor de todos os tempos, forçamos por alcançal-o e lh'o damos hoje.

Quanto ao artista é inutil repetir tudo quanto se disse sobre o seu valor.

O primeiro dos primeiros e está dito tudo.

Honra ao glorioso morto.



Ninguem sabe em que lei vive.

Paiz singular em que todas as forças convergem para obscurecer a verdade, como se a verdade a boa deusa que revê no espelho tradicional a fronte branca, causasse aos espiritos atulhados de egoismo e paixões ruins — o estonteamento d'uma apparição malfazeja. Das coisas mais simples aos mais altos negocios da Republica, ninguem explica do coração, nem illucida por vontade. O radicalismo partidario desvirtua e desorienta todos os raciocinios, inverte todas as razões, mascara todos os actos.

Vogamos n'uma onda pôdre de reprezalias, de injevas, de calumnias — de torpezas sem fim.

A dignidade propria morreu de ha muito asphixiada no imperio das conveniencias e das especulações individuaes.

O alto character portuguez, cheio de isenção, rijo como o bom aço, heroico como a bravura, esmoreceu nas antecamaras ministeriaes, abandalhou-se nas pugnas parlamentares, corrompeu-se pela depravação da classe alta até ao servilismo abjecto, até á fermentação putrida. A vida social domestica, rasteja enlameiando-se pelas alcovas fidalgas, estrebucha repugnante nos palacios burguezes e campeia villissima nas moradas humildes dos que trabalham — dia a dia — dos pobres, dos desprotegidos.

A familia, com toda a sua grandiosa sublimidade, entrevê-se apupada na sua altivez, porque a miseria crescente d'uma civilisação sem equilibrio. lhe vae rasgando o seio com os listrões obliquos d'uma bastardia vergonhosa e lamentavel!

As grandes virtudes empallidecem com o ferrete dos grandes prejuizos, porque os logares mais elevados da Republica, pertencem de direito aos grandes indignos.

D'ahi a corrupção popular que resulta fatalmente dos impulsos da miseria e da imitação de exemplo.

A nobreza empenhada e faminta, esquece os pergaminhos e mercadeja os nomes; o clero desloca-se avaro de gozos n'um mundo «que não deve ser o seu» e atira a tunica branca de levita, por cima dos moinhos; o povo segue imbecilmente no couce da dança, pela arreata; eterna besta, condemnada ao perpetuo trabalho.

Esmorecem no meio do brouhaha da turba, as vozes energicas dos puritanos, enquanto, de rastos, os famintos disputam as migalhas dos banquetes lautos.

Esphacela-se o velho mundo! e o novo, o mundo da consciencia, começa de rebentar vigorosamente no coração viril das gerações que chegam.

Portugal é hoje um quadro tristissimo onde cada um poderá solettrar letra a letra, as phases d'uma decadencia esmagadora. A força dirigente do paiz é representada por grupos d'homens, réus de crimes da mais alta traição. Elles tem trahido a liberdade e a consciencia, esmagado o direito, profanado a justiça, amesquinhado a honra e o dever.

Cynicos, tem arrancado a bolsa do pobre, as contribuições successivas, ao mesmo tempo que tem infamemente abandonado aos estrangeiros as nossas colonias e os nossos direitos.

Justiceiros, riem cynicamente da justiça, incluindo baixissimamente sobre decisões de tribunaes, onde o minimo vislumbre de pudor, lhes prohibiria a sombra de uma vontade.

Legisladores, rasgaram idiotamente o codigo liberrimo, de Rodrigues Sampaio, cheio de conquistas modernas, de affirmações liberaes, de regalias populares e impozeram pedantes ridiculos, cheios de pretensões, de superioridades lorpas, um amontoado de disparates, um foco de corrupção, esse ataque impudico á liberdade, que se chama oCodigo Administrativo!

Economistas, propagando reformas, abolindo dadivas, riscando abusos, elevaram o deficit a milhares de contos! Patriotas, inauguraram o monopolio como base de operações, arruinando o paiz em beneficio de syndicatos e de si proprios.

Parlamentares, rebaixaram o parlamento á ultima vergonha, abolindo o regulamento, e esquivando-se por traz dos paragrafos riscados, do chicote cortante dos adversarios. Como governos d'um systema representativo engolem as votações contrarias e as mais graves offensas que jámais um governo sério escutou da banda ministerial.

Não ha memoria de ter córado nunca estes bandos de... ministros.

Como jornalistas defendem-se dos contrarios, infamando-os; argumento que lhes tem aproveitado, desde o paço da Ajuda até á mercearia modesta de qualquer inimigo politico.

Liberaes, approvam que os jesuitas invadam Portugal, protegem a sua introdução, os seus collegios e institutos.

Não ha emfim, para elles barreira que os detenha, precipicio que os assuste, immoralidade que os prenda, desvergonha que os intimide, infamia por que recuem.

Ditadores devassos, inauguraram o governo absoluto, sustentado em duas grandes bases: — o egoismo e o impudor.

Os Senhores conquistam-se com dadivas; os Vassallos com o Africa e com o India, quando o dinheiro não baste. E, fazendo gala da mais repugnante miseria, coberta de lodo, de farrapos, em esgares de truões e saltos de arlequins, a quadilha ministerial passa apagando com os bicos das suas pennas, com a baba das suas caricias, com os favores sujos das suas commissões, — todos os sentimentos bons, todos os anceios de luta, todos os pruridos de reacção, todas as idéas generosas.

Atraz d'elle, rindo e chorando, acariçada agora e explorada sempre, — caminha a massa da arraia miuda, indifferente, besteealizada, embrutecida.

Isto é assim de ha longos annos para cá.

Deixae passar.





## DUELLOS

Quando estudei phylosophia racional e moral, esse amontoado de disparates, que inda hoje se ensina nos lyceus com este pomposo titulo,—lembra-me que o sr. Alves de Sousa dizia no seu adoptado compendio:— que o duello era *absurdo e incongruente!* Deixo a cerebros melhor construidos o desfibrar todas as subtilzas d'essa argumentação ôcca e pueril e peço apenas para que commigo acatem uma solução, que sendo defeituosa como todas as convenções sociaes, é a unica que entre os povos civilisados faculta o varrer uma offensa ou castigar uma injuria.

Ella pôde ser absurda e incongruente, como dizia o Alves; mas o que é certo é que o ginja phylosopho não apontou mais perfeito modo de resolver uma pendencia de honra. Nem elle, nem ninguem.

Temos de accellar o processo como o mais perfeito, por isso que as mais adeantadas nações o não regeitam nas suas pendencias intimas, antes o usam e d'elle lançam mão — continuadamente.

Mas se o tenho como solução accitavel em graves questões, não o admittido inoffensivo. É um documento que para ser valioso necessita de sello, de chancellia e esse sello, essa chancellia, é o golpe, a ferida, que ameace a vida. Um prejuizo, dirão, arrasta outro prejuizo e é bem certo; permitta-se-me esta opinião sanguinaria como epilogo d'uma medida barbara. É barbaro o duello, diz-se; mas este modo de dizer parece antes um epigramma á sua vulgar innocencia entre nos. Qualquer pessoa menos entendida em codigos confessará que uma boa bengala dava resultados muito mais apreciaveis do que os dos combates ultimos dos nossos tempos.

Dos mais terriveis que tem havido na minha vida recordam-me dois profundamente dramaticos.

Um em que ficou todo lascado um marco de pedra que arteiramente se mettu entre os combatentes; e um outro em que um nosso respeitavel jornalista levou uma cutilada que lhe rachou d'alto a baixo a cabeça... do dedo minimo! — Dois horrores.

Ninguem dirá que duellos em que as arranhaduras limpam nodoas, e que terminam pelo abraço final, e o almoço consecutivo, tenham outro valor maior do que o de serem supinamente patuscos.

O duello sem resultado grave não tem significação alguma, e arrasta atraz dos combatentes o gracejo d'um ridiculo, que pôde ser injusto, mas que a maioria das gentes accita como protesto ao costume. O duello sem que um dos combatentes não fique impossibilitado da lucta, é rethorica. Pura rethorica, porque em culpa onde não ha desagravo digno, não ha seriedade, nem exemplo.

Se a offensa é d'aquellas em que a reparação não exige o perigo imminente d'uma vida, temos o pontapé do despreso, a bofetada activa e mais convincente a bengala de canna da India. A morte facil só nos pôde levar um caso de tão subida gravidade, que a inoffensibilidade da lucta é de triste conceito.

Suggestem-me estas considerações o ultimo duello entre nos, que não é segredo para ninguem entre o sr. Lima Mayer e Conde de Obidos.

Bateram-se uma, duas, tres vezes, quantas precisas para que os ferimentos multiplos os impossibilitassem da lucta. Viu-se a coragem, o valor de homens, que collocados pela estúpida convenção social n'um campo mau, e inadmissivel perante o bom criterio, se portaram como valentes arriscando realmente a vida, a sério, a valer.

Como exemplo é muito, para nós; porque o mais

de que este povo precisa é de exemplos de brio e de coragem.

Deram-nos os cavalheiros que se bateram e que de resto, não consta pelas actas — que se abraçassem no fim.

Comprehende-se tambem.



## PARTIDO NACIONALISTA

Desfralda a sua bandeira  
Um *Partido Nacional*,  
O qual, segundo o que cheira,  
Marchará na mesma esteira  
Do Pommada Florestal.

Segundo alguns gazeteiros  
Onde a fé nunca manqueja,  
Nem o amor aos mosteiros.  
D. Jacintho é dos primeiros  
Patriarchas d'esta egreja.

Tambem lá me conta a chronica  
Um tantito cenobitica,  
Que entrou n'esta phylarmonica  
Um Barbosa, alheio á *sonica*,  
Mas padre mestre em politica.

Entram condes e barões  
N'este grupo dos honrados;  
E sobejam as razões  
Para os crermos figurões  
Santamente assignalados.

Depois, devotos das madres,  
No partido colossal  
De verdadeiros compadres,  
Entra um batalhão de padres...  
Que fez falta no *Transwal*.

Bem contadinhos a dedo  
Os maduros e os rapazes,  
Que em côro engrolam o crédo.  
Já chegam a metter medo  
A todos os satanazes!

Agora creio eu devéras  
Na salvação d'esta casa:  
De Astrea surgem as eras,  
E vão comer duas pèras  
Os que empatavam a vaza!

Temos guerra de Cyclopes  
Contra a hydra peçonhenta,  
Terrivel nos seus galopes...  
Mas uma guerra de hyssopes  
E de pipas de agua benta!

Se a agua de *Lourdes* ajuda  
E a do *Sameiro* tambem,  
Temos a coisa bicuda...  
O Paé do cêo nos acuda,  
Que um terremoto lá vem!

Mas depois do cataclysmo,  
Castigo ás nossas cubicças  
E verdadeiro strabismo...  
Tira-se o mundo do abyssmo  
Com meia duzia de missas.

A POLITICA A BANHOS



Como eles se limpam:

## Mixórdia

Por toda a parte se erguem sanatorios destinados á cura dos tuberculosos. Por toda a parte se instituem albergues, recolhimentos, asyls, etc., em favor da indigência. Por toda a parte se fundam escolas, lyceus, academias, mas... os tuberculosos augmentam n'uma progressão assustadora e as classes proletarias, que em virtude das más condições em que vivem, fornecem um vasto campo adequado a tísica, sacrificam um grande numero de victimas a essa enfermidade aterradora e que dizima uma grande parte da humanidade...

A indigência não acaba! Similhante á torrente caudalosa que se despenha do monte, arrastando tudo na sua passagem vertiginosa, a indigência augmenta de dia para dia e como onda impetuosa invade o seio das sociedades, ameaçando avassallar o mundo inteiro, n'um futuro mais ou menos proximo, porque a sociedade não sabe dar-lhe remedio.

A pobreza cresce n'uma série continua e arrasta-se miseravelmente pelas ruas, aos olhos da sociedade que a olha com indifferença! A miséria campeia por toda a parte... a fome estende os seus carcomidos braços descarnados, empolgando crianças, adultos e velhos, e como o abutre sobre a presa rasgando-lhe as carnes, ella vae, lentamente, rasgando o seio da humanidade, arrancando lhe a fé, o sentimento do bem, a esperanza!... E não podia deixar de ser assim!

A má organização social motiva tudo isto.

De que servem os sanatorios se os generos que deviam alimentar o ser humano lhe vão provocar no organismo lesões que o conduzem, fatalmente á tísica e depois a morte?!... Pois não seria melhor proporcionar-se ao povo um alimento sadio e são? Uma habitação hygienica e salubre? Um trabalho regulado pelas forças de cada um?...

Como apesar de tantas escolas o analfabetismo continúa a crescer na razão directa do augmento da população, assim apesar de tantas instituições de caridade a miséria arrasta-se diante da sociedade como reptil sobre o lodo!...

O homem não comprehendeu ainda a sua missão sobre a terra e a obra que lhe são das mãos é apenas uma mixórdia...

NERO.



### GRANDE CAÇADA DE RAPOSAS

Diz-me uma folha illustrada,  
Indagadora subtil,  
Que houve uma grande caçada  
Nas raposas de Arganil.

Pois direi nas minhas glosas  
Que, na *Ulyssés gentil*,  
Quem quizer caçar raposas  
Ha de encontral-as ás mil.

É procurar-lhe a morada,  
Ir na pista do covil...  
E até dabaixo da arcada  
Vê raposas, mães do ardil.

Se entrar nos laboratorios  
Das santas leis de funil,  
Acha raposas finorios,  
De feitiço senhoril.

Se em moitas de syndicatos  
Quizer metter o pernil,  
Vê raposas, e vê ratos  
Mais finos do que esmeril.

Se entrar onde a lei atiaça  
Com o castigo no vil,  
Vê raposas de justiça  
Que põem á vez o barril.

Se entrar em tócas de agiotas  
De rubicundo pernil,  
Vê raposas de botas  
E rabo em tórma de til.

Se entrar onde se decreta  
O jejum de marco a abril,  
Vê raposas de roupetas  
Fartas de arroz de caril.

Temos raposas matreiras,  
Rojando-se em ar servil...  
Que entram em *santas capoeiras*  
Como lobos no redil.

Finalmente, caçadores  
Que daes manejo ao fuzil,  
Temos raposas melhores  
Que as raposas de Arganil.

## JARDIM DE EPICURO

O que faz que poucas pessoas sejam agradaveis na conversação é que cada uma pensa mais no que quer dizer do que no que os outros lhe dizem; e que se houve mal quando só se pensa no falar.

A polidez manda que se dê tempo a que os outros falem se não contradigam nem interrompam, que se entre no seu espirito o no seu gosto, que se mostre attenção e se elogie com justiça.

Deve-se falar sempre de modo em relação ao humor e capacidade das pessoas com quem se fala.

Evitemos sobretudo falar muitas vezes de nós mesmos e de nos dar-mos para exemplo. Ninguem mais desagradável do que o que se cita a todo o momento, a si proprio.

E' perigoso querer ser sempre o senhor na conversação e levar muito longe uma boa razão quando se teve a felicidade de a achar. A honestidade manda que se occulte muita vez a metade do proprio espirito e que se poupe um teimoso que se defende mal para lhe poupar o desgosto de ceder.

Toda a conversação por espirituosa que seja não convém igualmente a toda a pessoa de espirito. E' preciso escolher a que condiz com o seu gosto, com a sua condição, com o seu sexo, com os seus talentos e escolher ainda a occasião de a ter.

Ha muita arte em falar, a proposito, e não menos em não falar.

Ha um silencio eloquente que approva e reprova: ha um silencio de descripção e de respeito. Ha emfim, tons, ares, modos, que fazem o agrado ou o desgosto, o delicado ou irritante da conversação.

O segredo de bem usar d'estes meios é dado a poucos. Os proprios que ditam regras esquecem-nas muitas vezes e a mais segura que se pode dar é a de ouvir muito, falar pouco e nada dizer de que possa vir arrependimento mais tarde.

L. R.



### CANCIONEIRO ALEGRE

Noticiou o governo  
Ter comprado no estrangeiro  
Uma machina que ha  
De fazer pães!  
Pois não bastam  
Tantos que temos por cá?

Anda o nobre presidente  
A visitar hospitaes,  
Dizendo coisas em barda...  
Até foi a Rilhafolles...  
(Quando não estava o Bombarda.)

Dizem jornaes que o governo  
Pensa vender á Allemanha  
Uma colonia, ou bocado,  
Que o nosso dominio trunca;  
E' que segue a theoria  
D'um annuncio, que ahí anda:  
Vender, sim; empenhar, nunca!

Ha jornalistas famosos  
Que já defendem a venda?  
Pois é certo abrir-se a tenda!  
Fica o aviso aos leprosos.

N. T.

## MEDICOS E DOENTES

Os medicos são, ninguem o ignora, uma providencia no seio das familias.

No verão, esta providencia, desdobra-se n'uma simplicidade desculpavel, em passaporte para viagem medico-recreativa, atravez das provincias e ainda para além das fronteiras.

E' conhecido de todos esta epidemia de doencas que attaca as senhoras no principio do verão.

O medico é chamado. O resultado é ter de se aranjarem as malas no dia tantos para ir para alli ou para acolá.

As doentes sentem-se jubilosas com o tractamento —o medico sobe sete furos no conceito da familia.

Como se explica tudo isto?

Antes da consulta medica, á vista dos maridos ou dos papás, as senhoras teem sempre o cuidado de fazer conhecer ao doutor o sitio para onde desejam ir veraneiar, a praia, a therma, o logar, onde de antemão sabem que o João irá tomar banhos, Gustavo fazer inhalações e Rodrigo dirigir *cotillons*.

Isto n'uma conversa *casual* na rua, no theatro, n'um baile.

O medico habil conhece logo a doença e apanha a receita no ar.

Este ensaio de bastidores guarda-o a medicina como um segredo do confessorario, porque não raro a sua condescendencia dá origem a romances e dramas domesticos, quando não se limita a um ataque cruel á bolsa do amphytrião pagador.

E não se diga que o medico faz mal. Perde a casa onde tracta e desacredita-se — se reage.

Quando se falar n'elle haverá logo quem sustente que é tolo.

—Que medico! eu a precizar de ir para Vichy e elle manda-me para o Gerez. Ia-me matando! Nem vel-o.

Depois de conhecido pois o ensaio — o leitor vae perceber as consultas.

## UM CASO

(*Caça burgueza. O medico, o marido com loja de seccos e molhados; preço ao balcão todo o anno*).

O MARIDO. — E' caso serio, doutor?

O MEDICO. — Serriissimo; esta senhora vem um dia a soffrer muito do fígado.

O MARIDO. — E então?

O MEDICO. — Vidago.

O MARIDO. — Queres ir Li-Li?

ELLA (*triste*). — Se e preciso?

## Outro

(*Camara elegante. O papá e a menina doente e a mamã cumplice. O primo José está em Cascaes*).

O MEDICO (*com grande ar*). — Então, dores nos dedos, muita tristeza sem motivo, sonhos, visões?

A MENINA. — Oh! muitas visões!

MEDICO. — Bem sei: Cascaes, Setembro e metade de Outubro.

## Outro

(*Saleta da Baixa. A menina Elvira cercada dos seus, sollicitos*).

O MEDICO. — Diga tudo.

ELLA. — Sinto uma grande fraqueza. Quasi nem posso andar. Espasmos... de noite sobretudo...

O MEDICO. — Conheço o mal. Figueira da Foz tres mezes. Valsas quantas possa.

## Um ao reverso

O MARIDO (*piscando o olho ao medico*) — Aguas, aguas é que ella precisa).

O MEDICO. — Absolutamente. E só as de Aix-les Bains lhe poderão fazer bem.

O MARIDO. — Não podes deixar de ir... é a tua saúde. Se eu podesse ia...

(*A' saída, o marido apertando a mão ao medico: Meu amigo... quinhentos kilometros de distancia... sabe o que isto é?*)

O MARIDO. — O paraizo!



## ENTRE VISINHAS

## MOTE

— O' visinha!... faz favor!...  
«Chegue aqui n'um instantinho.  
— O que foi? Que aconteceu? !...  
— Quer ouvir um segredinho?

## GLOSA

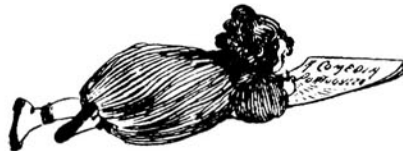
— Então diga lá depressa  
«Que tenho o chá a esfriar.  
— Se não se quer demorar;  
«Fica p'ra quando appeteca.  
— Vamos lá; não se aborreça!...  
— Hontem, falei ao senhor!...  
— Ao que já foi seu amor?  
— Deus me livre!... Não vae nada!...  
«Venha cá desça a escada!...  
«O' visinha!... faz favor!...

— Não me demore!... Aqui estou.  
«Que pode vir o meu home;  
«E não quero que me tome  
«Por uma coisa que não sou!...  
— Já direita ao fio vou:  
«Ali defronte, o visinho,  
«Tem-me feito o seu pezinho  
«Por me julgar *mosca morta*,  
«Disse-me ao passar p'la porta:  
«Chegue aqui n'um instantinho!...

— Tome cautela, menina,  
«Que os homens são muito maus!...  
— Eu bem sei que são *maraus*,  
«Mas tambem sou muita fina!...  
— Veja que a sorte é mofina  
«E quem não tem, não perdeu!...  
«Olhe que lh'o digo eu,  
«E quem o mundo conhece...  
— Ai!... visinha!... se soubesse...  
— O que foi? Que aconteceu?...

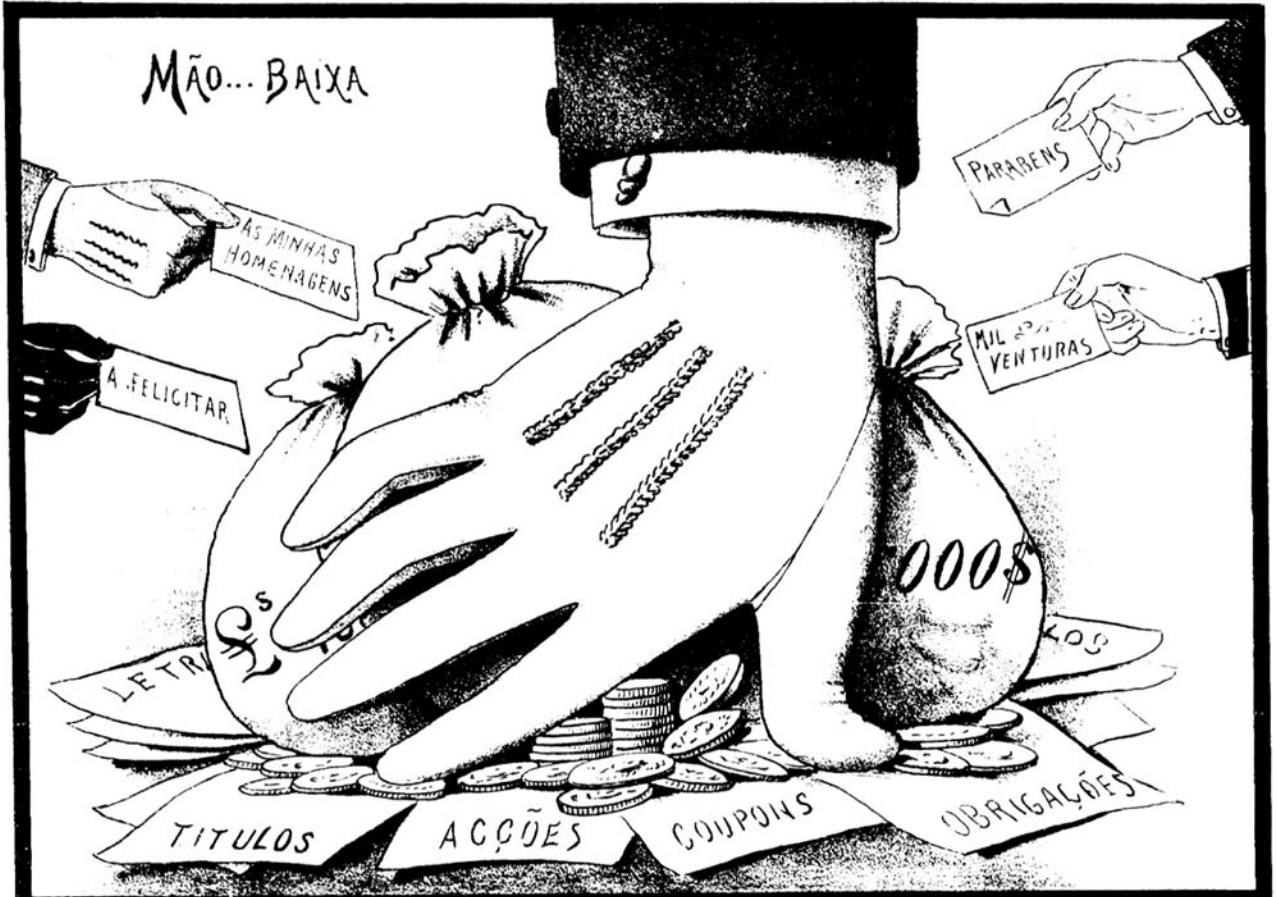
— Não se assuste! Não foi nada  
«Que me possa ficar mal!...  
— Pois mettem-me um susto tal  
«Qu'inda estou aparvalhada!?...  
— Quando entrei hontem na escada,  
«Como disse, o tal visinho,  
«Agarrou-me de mansinho  
«E beijou-me!... o atrevido!...  
«Perguntando-me ao ouvido:  
«Quer ouvir um segredinho!...

ARIEL.





Manobras... de todos os outomnos



# COMEDIA

# PORTUGUEZA

Director MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa      REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39      COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. do Louriro, 25 a 59

ANNUALIDADES (PAGAMENTO ADELIANTADO)		
Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 1.500 réis	Brazil, anno (52 numeros).....	2.500 réis
Semestre (26 numeros).....	Africa e India Portuguezas, anno....	1.500 réis
Cobrança pelo correio.....	Estrangeiro, anno (52 numeros)....	1.500 réis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Traversa da Boa-Hora, 39, 1.º

CRITICA  
POLITICA  
ARTES, LETRAS  
COSTUMES



VALENTIM MAGALHÃES

## Valentim Magalhães

Este escriptor, que já esteve entre nós, ha annos, e em Lisboa realizou uma conferencia sobre poetas brazileiros, foi desde os mais novos annos um fero batalhador, uma vocação litteraria, viva e decidida.

Hoje é considerado como dos mais distinctos homens de letras do Brazil, mercê do seu longo trabalho, da sua obra toda reveladora de uma grande facilidade e aptidão litteraria.

Jornalista, poeta e romancista, em todos estes campos o talento de Valentim Magalhães se tem confirmado brilhantemente. E' longa a lista das suas obras das quaes citaremos *Rimario*, livro de versos; os *Cantos e Luctas*, *A Flor de Sangue*; as criticas *Notas á margem*; e ainda livros de humorismo as *Horas Alegres*, *Bric-à-Brac*, etc.

Valentim de Magalhães tem em Portugal muitas sympathias, como escriptor e como homem. Parece que todas merece o illustre escriptor brazileiro pelas suas qualidades de intelligencia e de caracter.

Tinha pois o logar marcado no nosso jornal.



O insigne professor Viala, cuja visita entre nós tão gratas recordações deixou, pela seriedade e distincção de verdadeiro homem de sciencia, que possui, costumava de vez em quando escrever n'um pequeno livro de capa azul e lombada roxa, as notas das impressões recebidas. Por um bemdito descuido esse livro ficou na cabeceira da meza do quarto de dormir de sua excellencia, no Hotel, onde só quarenta e oito horas depois foi pedido pelo telegrapho.

Como os cadernos dos sabios são da humanidade, ousámos rapidamente lêr alguns apontamentos dos mais curiosos que o eminente homem de sciencia tomára sobre as nossas coisas e sobre nós. Estes virão decerto publicados no relatorio prometido; mas será um verdadeiro prazer para todos a leitura primicial de algumas notas dispersas.

Setembro 4.  
Cheguei. Bello paiz. Paiz de sol e moscas.

O presidente do conselho. Homem affavel, cabeça piriforme, engraçadissimo. Disse-me: — Vossa Excellencia podia passar por mulher d'um sabio litterato portuguez, fallecido.

— De quem?  
— Do Viala!

Falei da recepção agradável aqui recebida. Do bom serviço do *Hotel Terminus*; onde sua excellencia perguntou se era superior ao do *Hotel de Ville*!

Linda cidade o Porto! Linda provincia o Minho!  
Enthusiasmado, ao beber o *Port-Wine*, vinho que os inglezes chupam desde o berço, o que quanto a mim é o segredo da sua grandeza, não pude conter-me, como bom francez, que não aproveitasse a occasião de fazer uma caricia á nossa velha amiga, que f'aira protectora sobre este torrão encantado: e disse: — O Porto! O mais bello vinho do mundo. Um paiz que possui esta riqueza — não pode morrer!

Que a Inglaterra o saiba.

Os sabios pareceram-me independentes de mais... em classificação.

Um mette a vinha nas *arvores de carçoço*.

N'um Manual de Agricultura lê-se: — *as abelhas são moscas educadas pelo homem para produzirem mel e cera*.

Um zoologo metteu as rãs nos *amphibios*.

E' bom ter um genio independente, mas não tanto!

O Poceirão! uma vinha com 10 kilometros! O dono: — um homem com 10 covados — n'um fraque!...

Visitei o Instituto.

O Director que me disseram chamar-se *Propriamente*, adoeceu. Recebeu-me o Vice-Director...

Cintra. Uma belleza; montes, rochas, aguas, vegetação opulenta...

Em França já tinha uma senhora de Lourdes... qualquer.

O clero aqui é pelintra?

Paiz muito liberal. As mesmas medidas tem sempre dois tamanhos, conforme servem para comprar ou para vender.

Falei com o ministro das obras publicas, mas não o ouvi.

Bom moscatel o de Setubal; mas um correspondente diz para Lisboa:

«Ha n'esta cidade uma escola fundada sobre as ruinas d'uma civilisação morbida, atirada as faces da humanidade como escarro asqueroso do progresso impregnado dos microbios mortiferos da incredulidade, que abate e humilha, rebaixando o ser humano a triste condição dos irracionaes.»

Tendo por religião o racionalismo abjecto, gerado no ventre do orgulho...

Effeitos do Moscatel?



### O POETA E O PADEIRO

Meu amigo e illustrissimo padeiro,  
Artista bemfazejo e d'alma nobre,  
Venho trazer-te seis vintens em cobre  
Porque não tenho em casa mais dinheiro.

Tu és dos meus amigos o primeiro,  
Em ti a mór bondade se descobre;  
E bem conheço que tributo pobre  
Te envio no meu verso verdadeiro.

Tinha uma sogra: um medico eminente  
Trabalhou por lhe abrir a sepultura,  
O que não conseguiu, infelizmente!

Mas a tua feliz amassadura  
Salvou-me d'um demonio impertinente  
Apenas com um pão de serradura!





N'uma entrevista com o pintor Salgado, sobre tensões do artista, trabalhos presentes e futuros, diz o entrevistador, que entre varias coisas Salgado dissera:

« — Ainda por exemplo — continuou o artista sonhando alto, deante de nós, os seus grandiosos projectos — ainda por exemplo seria uma grande *symphonia* sobre o Mar, uma coisa em que eu pudesse representar toda a alma, todo o drama, toda a tragedia que eu vejo e sinto, n'esse irrequieto mundo d'agua... As suas calmas, as suas tempestades; e, depois, as luctas os naufragios, os triumphos, as conquistas, cuja memoria o oceano parece guardar... »

A *symphonia* devia ser colossal se fosse em musica, e o custo do papel um pouco para attender; mas se é de *symphonia* a pincl, meu caro artista, bem pode já começar a fazer trabalhar por sua conta—estes annos mais chegados—todas as fabricasde linhagem do paiz.

Olhe lá: o Mar é uma celebridade feita pela Poesia e pela Rhetorica, não das melhores. Tambem tive a illusão do Mar; o que seriam as suas paizagens, luzes, tons, transparencias, escuros, cambiantes, horisontes... oh! meu amigo, andei-lhe por cima um mez, nada mais monotono, triste, semsaborão, igual, insuggestivo, estúpido! Muito bom para fazer dormir, para fazer comer, muito silencioso para os passeios no tombadilho, e só interessante quando o povoa uma ilha, um archipelago.

A belleza vem-lhe de fóra. A belleza do Mar vem-lhe da Terra.

O Mar é bello na praia, na bahia, no estreito, no canal; só, isolado, na sua brutalidade de colosso arfante, deserto de agua suja, infinito, sem caracter, como careca da Terra, aborrece, animaliza, bestifica.

A Terra, sim; pinte a Terra, amigo Salgado. Essa é que é bella: essa é o inferno, o tormento das palhetas; essa é que tem luz, essa é que tem côr, e montes e valles, e florestas e rios e charnecas, e dramas e tragedias e flores pelas balsas e aves pelas ares!

Essa é que é bella! Pinte-a a ella e deixe o Mar aos safios e aos carapaus. Por falar n'estes animaes veja que população intelligente tem o seu Mar.

O tal Mar dos poetas... essa coisa espantosa, cuja voz de que dizem coisas sublimes, pode qualquer pessoa ouvir em casa pondo um buzio na orelha.



#### EPITAPHIO PARA UM PADEIRO

Estimavel leitor, é bom que *escutes*  
E do que vou dizer te *capacites*:  
Um padeiro, ricoço sem *limites*.  
D'esta para melhor passava os *butes*.

Disse a escultor qualquer: — «Quero *executes*  
Mausoleu com o qual a inveja *excites*.  
Para que este meu nome *encarrapites*  
Depois que em fino marmore *labutes*.»

O escultor, subidíssimo em *quitates*,  
Provou do seu saber *insignes dotes*.  
E, depois d'isso, consultou uns *rates*...

Os quaes, todos *lirós e franchinotes*,  
Escreveram: — *Matava nos combates*  
De — em pão de luxo — *transformar barrotes*.

#### A BRANDURA DOS NOSSOS COSTUMES

Na brandura de costumes  
Somos de pão com manteiga;  
Nunca fomos de azedumes;  
E, por ter nos olhos lumes,  
Bem sabe a coisa o juiz Veiga.

Esses padeiros do Porto,  
Artistas em serradura,  
Viram o negocio torto;  
Mas já acharam conforto,  
Graças á dita *brandura*.

Os do *briol* com mixordia,  
Depois d'uma guerra dura  
Pediram misericordia;  
Mas veio a santa concordia  
E a sobredita *brandura*.

Os que tiravam a nata  
Ao leite, que os piões cura,  
Andam todos na frescata,  
E fazem grande berrata  
A dar vivas á *brandura*.

Os que o bacalhau salgado,  
Promotor de atroz seccura,  
Vendiam avariado,  
Até nos cantos do fado  
Erguem tropheus á *brandura*.

Os que mettiam no queijo  
Muita batata á mistura,  
Compraram um realejo  
Onde já tocam sem pejo  
O hymno á santa *brandura*!

Lá diz a Maria Martha,  
Vendedora de fressura  
E mulher de seios farta,  
Que é como o hymno da Carta  
O hymno da nossa *brandura*!

Este diz — que não quer canga,  
Aquelle — que não atura  
Quem vende gato por franga;  
Porém nas ancas da zanga  
Vem a cavallo a *brandura*.

Isto só finda se o Zé  
Tomar nova catadura;  
E lhe chegar a maré  
De ferrar um pontapé  
Na sua lorpa *brandura*.



Perto de Coruche, um rapaz de 10 annos desaviu-se com o irmão e com a navalha com que vindimava — feriu-o n'uma perna, cortando-lhe uma arteria.

O que imaginam os senhores que as pessoas presentes fizeram ao pobre rapaz que se esvalha em sangue até... que morreu? Molharam-lhe a cabeça com agua! Não houve uma pessoa que ao vêr correr sangue de um buraco se lembrasse de tapar esse buraco com um dedo.

A instrucção popular!

.....  
Mas diz o correspondente: «Já foi feita a autopsia ao cadaver, o criminoso encontra-se em poder das autoridades que teem tomado todas as providencias que o caso reclama».

Providencias?

Hão de ser contra a tuberculose.



UM PRINCIPE QUE VEM PARA A ESTRADA... RUSSO!...



Príncipe, quando nasce,  
 Vem a andar no pé da cama,  
 E não pegando o seu dinheiro,  
 Quanto mais dinheiro se tem.



Quando, sabendo da pala,  
 Quando ao mundo o faz,  
 Vem a cama e muito dinheiro,  
 Vem a terras em muita nota.



Andou por terras d'El-Rei,  
 Que é a terra de ninguém,  
 Extraxiu os gatinhos  
 E voltou-se em muita nota.



Doidinho p'la philare'ica,  
 Por po-co não perde a bola:  
 Arranja enfeiteço mystico,  
 Mas tem gasto muita nota!



Ovum febo d'afectubas,  
 E que vir a falia amada,  
 Desvicio de praxer  
 O peze friso e satirada.



Que triste sorte vai ter  
 Prezerp'lo rru'ado,  
 Dão-lhe por fim uma ceita!  
 Vai prá torre do Bugio!

## JARDIM DE EPICURO

E' um erro imaginar que as verdades scientificas differem essencialmente das verdades vulgares. Ellas só differem pela extensão e pela precisão. No ponto de vista pratico a differença é consideravel; mas é bom lembrar que a observação scientifica pára na apparencia e no phenomeno sem poder penetrar na substancia e incapaz de alcançar a verdadeira natureza das coisas. Um olho armado com um microscopio é sempre um olho humano: vê mais, mas não differentemente. Multiplicam-se as relações do homem com a natureza; mas não se podem modificar os caracteres essenciaes d'essas relações. Vêem-se produzir certos phenomenos; mas escapa-nos conhecer porque se produzem.

Pedir uma Moral á sciencia é expor-se a graves disabores.

Ha trescentos annos acreditava-se que a Terra era o centro da creação: — hoje sabe-se que uma gotta caida do Sol.

Sabemos que o Universo, onde somos como poeira errante, cria e devora n'um perpetuo trabalho; que sem cessar nascem e morrem astros. Em que mudou a nossa Moral depois de tão grandes descobertas? As mães amaram por isso os filhos melhor ou peormente? Sentimos nós menos a belleza feminina? O coração bate diversamente no peito dos heroes? Não! não! Que a terra seja grande ou pequena nada importa ao homem. E' assás grande contanto que n'ella se soffra, contanto que n'ella se ame.

O amor e o soffrimento — eis as duas origens gêmeas da sua inexgotavel belleza.

O soffrimento! divino desconhecido a quem devemos o que ha de bom em nós, tudo o que dá valor á vida, a piedade, a coragem, todas as virtudes. A terra é um grão de areia no deserto infinito dos mundos: mas se só n'ella se soffre, ella é maior que todo o resto do mundo. Que digo eu? é tudo: o resto não vale nada. Porque então não haveria nem virtude nem genio — o genio a arte de encantar o soffrimento. E' exclusivamente sobre o sentimento que a Moral repousa.

A. FRANCE.



O conselheiro Ferreira d'Almeida determinou por sua ultima vontade que o seu corpo fosse incinerado e as cinzas lançadas ao mar.

Lembrou-me, a proposito, porque não se faz em Portugal a incineração dos cadaveres, em substituição da promiscuidade fétida e repellente das immundas rallas dos cemiterios?

E ainda mesmo a acabar com uma população de emparedados que habita os jazigos, lugubres, mal alumados, cheios de miasmas e de fedores?

Naturalmente oppõe-se o patriarcha.

Pois era uma medida valiosa de asseio e de hygiene.

Os restos das pessoas queridas conserval-os-ha a piedade affectuosa, do mesmo modo; e o ar que se respira teria menos uns milhões de corpos improprios para a vida.

Em Portugal a cremação tem sempre larga opposição: ninguem quer difficultar o reaparecimento dos corpos no dia do juizo.

E' uma delicadeza com o Creador; mas é uma falta d'attenção com as creaturas.

Sempre gentis e teimosos os portuguezes.

## CANCIONEIRO ALEGRE

Raras vezes apparece  
O Eduardo de Abreu:  
Ninguem sabe onde envelhece,  
E todavia não esquece,  
Ao menos não esqueço, eu!

Quando vem, vem sempre o mesmo,  
Mesmo modo, o mesmo geito;  
Dando lambada de cego,  
Lambada a torto e a direito.

Agora foi-se ao congresso  
De Vianna do Castello,  
E deu-lhe com uma acha  
E deu-lhe com um martello.

Chamou-lhe esteril, balofo,  
E chamou-lh'o muito bem:  
Não matará um bacillo,  
Não servirá a ninguem.

A ninguem tuberculoso;  
A outros pode bem ser . . .  
Não ha quem diga estas coisas  
Precizas de se dizer.

Vão decretando, larachas,  
Medidas, regulamentos,  
Em que o dinheiro se some:  
E deixam a porta aberta  
A todos os soffrimentos:  
Pela grillheta da fome.

Um congresso para quê?  
O que disseram os lindos  
De novo, sobre a doença?  
Providencias? Um congresso!  
Era melhor um concilio  
E Deus velando a sentença.

Paspalhões! pois imaginam  
Que pela Terra lhe sôam  
As vozes, em grande feito!  
Anda com elles, Abreu,  
E que nunca as mãos te dôam  
Em sova a torto e a direito.

N. T.



## LOGARES SELECTOS DO JORNALISMO

Artigo de costa arriba, jornal do maior poder circulatorio de Portugal.

«Podera não se contrariar! O noviço tinha feito ensaios para a prometida execução. Elle e Fournier armaram e desarmaram a guilhotina, azeitaram as engrenagens, tinham afiado o gume da *lunette* que ficou uma perfeição».

Ora a *lunette* é, na guilhotina, o buraco onde o condemnado mette a cabeça, de modo que o mais prezico que ha a fazer no instrumento, — é afiar-lhe o buraco.

O que faz pensar é com que apparelho se faz esta operação!

Elle ha invenções!

Estamos atravessando um periodo de ancias. Paira sobre nós uma nuvem tetrica de ameaças e de terrores. Não se abre um jornal que se não leiam coisas terribes de marchas, bivaques, acampamentos. E, este, fala no inimigo; aquelle, na cavallaria; aquell'outro, na artilharia. Porque a infantaria fez, e a artilharia vae fazer; o primeiro corpo vae p'raqui o segundo vae p'racolá; rompeu o fogo; tomam-se posições, generalisa-se o combate!

Parece um pezadelo, esta nuvem de morte, este cheiro a polvora que cerca Lisboa. E, ha um dia, ha dois, ha trez, que se não fala n'outra coisa, nos cafés, nos clubs, nos electricos, nos vãos de escada e nas hospedarias de pernoitar.

Não vale assustar; é brincadeira do sr. Pimentel Pinto. *Le general s'amuse.*



### Extravasação de gazes

Os pimpões, que nos vendem os seus gazes,  
E nos fazem pagar os contadores...  
Destaparam o dique dos furores  
Contra os seus respeitaveis capatazes.

— Que os homens se fizeram satanazes  
Em vez de serem anjos protectores;  
Que a melqueira, que era uma das melhores,  
Já não enche de libras seus cabazes.

Meus illustres gazeiros, reis do milho,  
Se encontram no caminho algum tropeço,  
Não mettam a rhetorica em sarilho!...

Querem massa? Um conselho lhes offreço,  
(E vae de graça:) Inventem um Carrilho  
De porcellana, alcorce, ou barro ou gesso.



Na redacção do jornal de Madrid, *El Erangelho*, reuniram-se ante-hontem os criticos theatraes dos periodicos madrilenos a fim de analysarem as relações que devem existir entre a critica jornalística e os emprezarios theatraes, actores e auctores.

Decidiu-se por unanimidade pedir aos directores dos jornaes a suppressão de todos os adjectivos encomiasticos nos reclamos vindos das emprezas.

Esta resolução é absolutamente digna e levantada. Bom é que ella venha para cá. Mas e apenas metade da medida. Falta agora que esses adjectivos a quem se prohibe a entrada por fancaria, sejam escrupulosamente empregados pelos criticos.

Assim ter-se ha obtido um grande bem para os auctores de valor porque os livra da lucta dos syndicatos: — para o publico, por que o liberta da mentira diaria, da burla indecorosa, da exploração audaz.

Ali está uma resolução a tomar senhores jornalistas de cá e senhores criticos tambem.

### MOTE

Silva verde não me prendas,  
Que eu não tenho quem me solte  
Para os ferros inda ha limas,  
Para o amor só a morte.

### GLOSA

Silva, tu fazes alardos,  
Dizendo que me tens preso?  
Os teus laços não despreso,  
Mas sei usar de resguardos:  
As silvas são como os cardos.  
Mau é o cardo nas prendas:  
Adeus, minhas encommendas  
Se me prendes p'los beicinhos.  
Guarda lá os teus espinhos.  
*Silva verde não me prendas!*

Passarinho, verde ou loiro,  
Nem momentos se consola,  
Muito embora na gaiola  
Veja grades feitas d'ouro;  
Conheço que és um thesoiro,  
Se o perco talvez não volte;  
Mas deixa que me revolte,  
Sê de mim compadecida...  
Fico preso toda a vida,  
*Que eu não tenho quem me solte!*

Se a prisão d'amor se aperta  
Foge da vida o remanso,  
Não ha hora de descanso.  
O preso não se liberta:  
O que entre ferros desperta  
Canta a dôr em tristes rimas;  
De gozar os patrios climas  
Sente a esperança, se não erro,  
Pois, se as minas dão o ferro,  
*Para os ferros inda ha limas!*

Amor é tyranno, zomba,  
A luz da razão embarga;  
Seja doce ou seja amarga  
Sua prisão não se arromba:  
Quando ella sobre nos tomba  
Com todo o seu poder forte,  
Decide da nossa sorte,  
Ou rouba ou traz a ventura:  
Para o amor não ha cura,  
*Para o amor só a morte!*

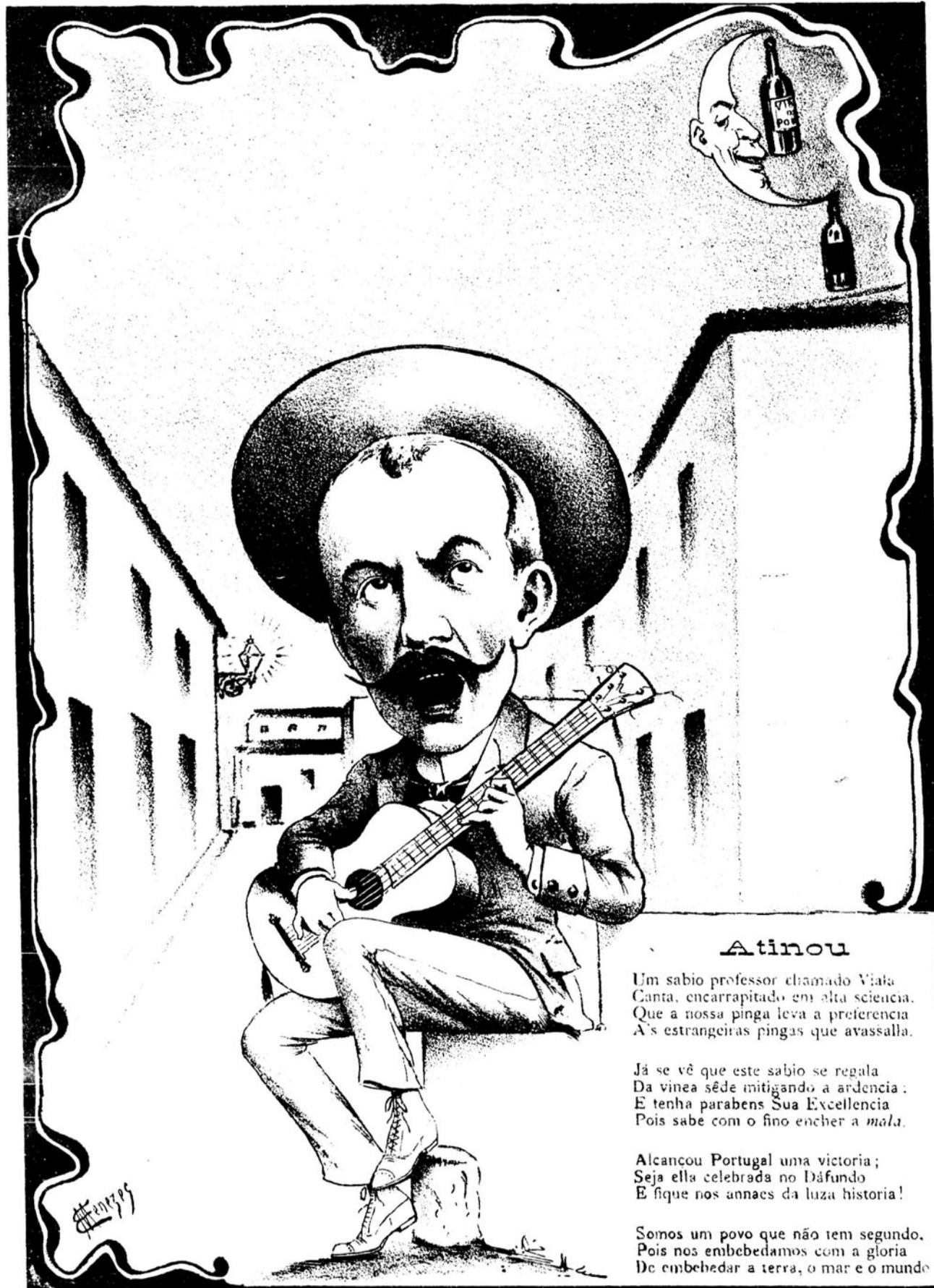


Pelas noticias vindas do Brazil, vê-se que na companhia Taveira as coisas não correm muito serenamente, pelo menos para as bochechas dos emprezarios.

Angela Pinto parece que n'um dos seus momentos de expansibilidade esbofetou o Taveira. Como? porque? Não se sabe; mas o que se sabe é que Angela Pinto vem para o theatro de D. Maria II na proxima época.

Entrou no caminho da bofetada? pois que o não deixe. Ahí está quem vae afinal reformar o theatro portuguez: — a Angela; para vergonha do conselho dramatico e do sr. Hintze. Muito havemos de rir.

O Dr. Viala, n'uma viella tocando viola



### Atinou

Um sabio professor chamado Viala  
Canta, encarrapitado em alta sciencia.  
Que a nossa pinga leva a preferencia  
A's estrangeiras pingas que avassalla.

Já se vê que este sabio se regala  
Da vinea sêde mitigando a ardencia:  
E tenha parabens Sua Excellencia  
Pois sabe com o fino encher a *mala*.

Alcançou Portugal uma victoria;  
Seja ella celebrada no Dáfundo  
E fique nos annaes da luza historia!

Somos um povo que não tem segundo.  
Pois nos embebedamos com a gloria  
De embebedar a terra, o mar e o mundo



# Revista Semanal de Critica Politica, Artes, Letras e Costumes

REVISTA  
Semanal  
DE  
CRITICA  
POLITICA  
ARTES, LETRAS  
E  
COSTUMES



# PORTUGAL

Director—MARCELINO MESQUITA  
PUBLICA-SE A'S SEGUNDAS-FEIRAS

EDITOR Antonio da Fonseca e Sousa  
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO T. DA BOA HORA, 39  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO Typ. e lith. R. de Sousa & Salles R. N. do Lourito 25 a 39

ANUNCIARIAS (PAGAMENTO ADEANTADO)

Lisboa e provincias, anno (52 numeros) 1\$000 reis	Brazil, anno (52 numeros)..... 2\$700 reis
Semestre (26 numeros)..... 500 reis	Africa e India Portuguesa, anno .. 1\$100 reis
Cobrança pelo corteio..... 100 reis	Estrangeiro, anno (52 numeros)... 1\$500 reis

Toda a correspondencia dirigida á Redacção e Administração deve ser enviada para a Travessa da Boa-Hora, 39, 1.º



Rodrigo Octavio Langgaard de Menezes

#10131

## Dr. Rodrigo Octavio Langgaard de Menezes

O nosso biographado é um distincto homem de fóro e litterato brasileiro.

Começou muito novo a carreira com a publicação de dois livros de versos, *Pampanos e Poemas e Idílios*. Notabilizou-se n'uns folhetins da *Gazeta de Noticias*, o *Fóro por dentro e por Fora*, com o pseudonymo de *João das Regras* e assentou altamente a sua reputação por posteriores trabalhos em direito que lhe valeram honrosas distincções.

É socio da Academia Real das Sciencias e rege desde 1895 a Faculdade Livre de Sciencias Jurídicas e Sociaes no Rio de Janeiro.



Tudo n'este mundo se pega, louvado seja Deus.

Desde uma febre typhoide até a um mau habito, desde as doencas secretas até ás doencas as mais claras — tudo tem esta propriedade fatal de se transmitir, por contagio, por inoculação, no ar, na agua, nos beijos, nos abraços, por mil modos, por mil processos tangiveis ou intangiveis a analyse humana.

Conta-se um caso de suicidio d'uma sopeira despidada com o 37 da 4.<sup>a</sup> e ahí começam a cair sopeiras dos quartos andares, como as peras sorvadas com a ventania, como se soprasse sobre ellas o vento da vingança divina.

Um mariolão teve a idéa de enfiar a sua navalha de ponta e mola pelos intestinos da amada e os registros policiaes desandam a rescender um fétido de ventres abertos com a facilidade com que se descasca uma laranja da China.

Aparece um sujeito a explorar a Africa e em pouco milhares de exploradores surgem de todos os lados.

Um individuo lembra-se de devassar o polo e navios sobre navios constroem-se e progridem — até se perdem pelos desertos do gelo.

Um janota exhibe á contemplação indigena uma rabona original, em breve eguaes rabonas surgem de todos os beccos e travessas com a profusão das formigas em tempo de armazenar. É assim que se generalizou o sapato em ferro de engomar, a polaina, o collarinho colleira, a bengala rustica, o *lorgnon*, o monoculo e todos esses ridiculos pretenciosos com que ambos os sexos, forte e fraco, se exhibem a contemplação geral. O que se dá no mundo exterior, material, passa-se justamente no mundo interno, immaterial.

Um X lembra-se de berrar contra os toiros e todo o mundo reconhece e berra contra os toiros; um visionario lembra a emancipação popular, o communismo de bens, a equalidade eterna, emil outros correm e gritam, mais loucos do que o primeiro.

A generosidade, a phylantropia, a baixeza, o crime, a elegancia, a estupidéz, tudo se pega. E o termo proprio este — pega-se. Para os factos externos não ha a reflexão, para os phenomenos psychologicos não ha o estudo. Segue-se. A onda leva a onda; o meio impressora, domina, esteriliza.

Não se reage; reagir era viver, ter força, vontade, sciencia, poder. Não se pensa; pensar era reflectir, pesar, calcular, saber.

Como para os liquidos, as minimas pressões estendem-se ás massas — inteiramente.

Assim os factos succedem-se — grandiosos na apparencia, quando o são — estereis no intimo, pela indifference, a mercia, a corrupção geral. A voz que sair por sobre as massas quer seja boa ou má, terá proseyntos dedicados, apóstolos, martyres. Não é absolutamente absurda? bem; crescerá, engrossará, dominará: — a onda leva a onda!

As apotheoses humanas crescem dia a dia; os altares dos idolos profanos começam a encher a enorme nave da Cathedral da Fama. Os idolos apparecem continuamente e dentro em pouco serão tantos como os da folhinha do padre Vicente. Faz lembrar que alguns começam a estar no altar, com o mesmo direito com que estão nos altares catholicos, alguns marmanjos de que a fama reza proezas bastantes para prisão cellular perpetua ou trabalhos forçados vitalicios.

Mas é a força das coisas. Pegou a moda e a humanidade começa a passar, a si propria, o triste diploma da estupidéz, tirando o chapéu, passando por sob a confissão tacita de inferioridade absoluta, diante de todos os vultos que na historia não foram positivamente o amigo Banana ou o Rosalino Candido.

Chego do campo e não sei porque, difficilmente me adapto a este meio asphyxiante da nossa querida capital. Ou seja porque o «canteiro» principal do «Jardim» de Thomaz Ribeiro, se ache descurado pelos jardineiros ou seja porque o ar viciado pela *limpeza* da capital me estragou o sangue, mal acostumado ao oxygenio rijo e illimitado dos campos; o que é certo é que o meu systema nervoso reage contra esta servidão a que o forço, por falta de excitante condigno, proprio, forte e me sinto morrer de hypocondria e de *spleen*.

Realmente, leitor, quem gosta um pouco de coisas boas, frescas, sadias, honradas, — se as chega a gosar por tempo e tem depois de se desfazer d'ellas, de as abandonar para se encaixotar n'uma aldeia chamada Lisboa, a 60 horas de Paris, deve sentir necessariamente a nostalgia das pupillas, afastadas do mundo, pelos muros velhos e carcomidas grades da cella, na idade em que viajam dentro do nosso corpo, todos os pensamentos.

os sonhos e os desejos loucos na florescencia da vida com que se enginaldam, agora, pelos campos, os ramos tortuosos das acacias e se abrem para a cor azul dos ceus peninsulares as boccas rubras das rosas e das papoilas.

Imagina tu que é justamente o que eu sinto, a nostalgia, da luz, do ar, do fresco dos salgueiraes, da agua limpida, das ribeiras, da simplicidade rustica dos campos, dos seus ditos finamente maliciosos, do meu patu ferrado, do meu largo chapéu raiano, da minha espingarda, da minha perdigueira, do meu album, das minhas paisagens agrestes, da minha vida, enfim. Não vos riais, vos outros, o *dandys* de *biscuit*, ó D. Juans de encomenda, acima da vida que se alimenta com o ar dos *passaios*, os *filets de boeuf*, os *champignons*, o requiebro da cadeira do theatro, as *courses*, as *cocottes*, ha uma outra que *arruinaria* os vossos estomagos amotardados, as vossas pernas sem musculos, mas que vos alargaria o thorax, vos daria sangue para o cerebro e idéas, comprehendéis — idéas — umas coisas que ha ho mens que teem, mas umas coisas que se não vendem no Martinho nem no Marrare.

Não vos riais, vos outras, ó Julietas alfacinhas, magoam menos as ferroadas dos insectos que as blandicias lisongeiras dos vossos salões; a belleza revela-se mais francamente no modesto vestido: os dentes afiados dos tojos e dos matos, são menos perigosos de pizar do que os languidos pellos, as felpas langorosas das vossas alcantifas.

Para antepor as gargantas das *prima-donas* tendes os rouxinoes? escutae-os, á noite, quando a agua soluca nas quebradas, a lua pratea as varzeas e o aroma agreste dos trevos e das madreasilvas embalsama o ar; escutae-os, e vereis se garganta humana cantou mais doce-

mente as eternas canções do amor, em palco mais gigante, mais rico, mais voluptuoso! Como eu tenho pena de vós outras. O campo! que rustico, que desagradavel, brutal; a lama, a neve, o frio, o matto... não é?

\* \* \*

E lá começava eu a entrar a philosophar sobre costumes, educações e coisas de muita sabedoria, quando eu pretendia apenas falar das falsificações que nos invadiram a ponto de se não poder já hoje saber o que se come, afinal, n'esta bella cidade de Ulysses.

O pão não é pão, o vinho não é vinho, a manteiga, o azeite, o vinagre, o assucar, o café, os chouriços, tudo isto é kaolino, serradura, margarina, purgueira, sêmea, farello, lixo, manufacturados habilmente, por mãos habéis, a transformar-se em lindos productos de alimentação.

A pintura dos chouriços é já velha, como a dos bigodes de muitos annos, como as trufas das damas que passaram os quarenta!

Que se pintavam tabletas, tectos, portas e janellas, melenas e pannos, ovos de avestruz, assim como perspectivas politicas cõr rosa, todos sabiam ou podiam imaginar; mas aonde nunca a phantazia mais livre podia chegar era á idéa de que se pintavam — feijões!

Pois pintam-se tambem.

No Porto.

«Porto, 23, ás 10, n. A' redacção do *Jornal de Noticias* foi hoje muita gente vêr amostras de feijão preto, pintado. Esse feijão distingue com agua. Era pintado, porque o feijão preto, que se exporta em grande quantidade para o Brazil, tem o preço de 1.200 réis e mais por alqueire, ao passo que o feijão amarelo e verde regula por 800 e 900.»

Depois d'isto digam o que realmente é verdadeiro n'este paiz.

Os politicos falsos como Judas; os sabios falsos; os litteratos falsos; os costumes falsos; as fazendas *inglezas* falsas; as notas do Banco de Portugal falsas; as cartas d'amor falsas; os principes estrangeiros falsos; a liberdade falsa; é falso o brío, o amor da patria, o dominio colonial... o coelho guizado porque e gato, e o oramento do paiz porque é lebre!

Tudo o que se respira, tudo o que se bebe, tudo o que se come, desde a linguica côrada com a anilina, até ao feijão mascarado com pos de sapatos!

Esta ultima descoberta leva-nos á conclusão da existencia de graves revoluções intestinaes, e explica-nos vistas as consequências de taes molestias, — porque é que tudo isto cheira mal!

É do feijão!

Que consolador que é — ás vezes, — e ainda bem para nos compensar de tantas outras de vergonha — o ser portuguez.

Não ha povo mais elevado, mais fidalgo, mais nobre.

Não ha corações como os nossos, nem grandeza d'alma, como a que se alberga em cada corpo que vive n'este abençoado torrão portuguez.

É um orgulho ter nascido aqui.

Ah! se não fôra uma malta de vis que ha cincoenta annos se encarregou de aniquillar, de levar á vergonha actual e quem sabe a que morte de ignominia, — esta terra bendita, como nós poderíamos ser hoje um poderoso paiz europeu, respeitado lá fóra e cheio de orgulho, — o santo orgulho que vem da consciencia do valor, de qualidades nobres e da propria bondade que nobilita as racas e diviniza os caracteres.

O que nós poderíamos ser!

O caso é este.

Um fidalgo portuguez, alheiado do povo, vivendo exclusivamente, n'um mundo áparte, sem sympathias nem antipathias, além das que possa ter no restricto meio cortezão e palaciano onde vivia — é victima d'uma fatalidade cruel.

Vem n'um carro, com uma filha, naturalmente amada, nova, galante, em plena frescura da vida, — dezenove primaveras floridas, — conversando docemente, santamente, conversa d'um pae amoroso com uma filha querida, conversa estranha d'um homem com um anjo!

De subito, o cavallo espanta-se, corveteia, esquece a guia, desnor-teia-se, parte, precipita-se! O carro volta-se, o par feliz é projectado sobre a estrada; o pae ferido, rolado, espezinhado, perde os sentidos; a filha, a creanca mimosa, bate com a cabeça sobre um corpo duro, pedra, muro, — e por tal commoção, — na delicadeza do seu organismo, subitamente, morre!

Sabe-se do caso e ha uma dôr profunda em toda a gente. Todo o mundo tem um aperto no coração e lagrimas nos olhos.

Que as tivessem os amigos, os conhecidos, os proximos, é natural; mas porque terem-n'as todos, — os alheios, os desconhecidos?

É esta a nossa grandeza.

Quando o cadaver chegou á capital, o povo fez-lhe alas. Até ao cemitério, da beira do Tejo aos pinheiros dos Prazeres, a multidão alinhou-se silenciosa e triste, como lembra ter um dia acontecido na passagem de Ignez de Castro, por leguas até a Alcobaca, desde Coimbra.

Então ordenára-o um rei; agora não o mandou, nem poderia mandar ninguém.

Que tinha este povo com o caso?

Que devia elle de amor, de reconhecimento, de gratidão, de respeito, ao menos, á familia de lucto, á desditosa morta?

O quê? a indiferença, o desprezo talvez! Esse desprezo que a educação insulsa ainda hoje no espirito dos aristocratas, pelos homens que não são da sua esphera, do seu meio.

Que lhe importou? Um pae perdera uma filha, um coração sangrara os suores das agonias infundadas, uma creanca, a mocidade, a belleza, o encanto, fôra victima d'um desastre e tivera como epilogo brutal a treva insondavel da morte!

E as mães e os paes e os irmãos e todos os que tinham coração se impressionaram com essa dôr e se maguaram n'essa agonía. E as mães e as filhas e os paes e os irmãos, que são toda a gente, que é o povo, foram ao cortejo mortuario saudar n'uma passagem ultima, com um gesto de dô e de magua — o cadaver que passava coberto de flores e de saudades.

Que fundo de bondade! que adoravel alma a de um povo que vac forçado por um sentimento intimo, livre, imperioso, dizer um adeus septido a um cadaver estranho, só porque esse cadaver é o de uma creanca simples e boa, que ao afastar-se para a cova deixa pelo caminho, o perfume de um sonho que se quebrou, de uma mocidade ceifada em plena primavera da vida!

Amanhã, a fidalga passaria por elle, indifferente, desdenhosa pelos seus corpos mal vestidos e pelos espiritos rudes, mal educados. Quando os seus filhos morressem nas engrenagens das fabricas ou nas explosões das minas ou nos desastres vulgares dos officios perigosos, — mortes que levariam ao seio das familias sempre a dôr, tantas vezes a fome, — o seu olhar nem pararia na leitura da noticia ou nem uma leve nuvem perturbaria o seu *temnis* da tarde ou a sua reunião no *sport*, pela noite adiante!

Que importa á alma santa d'este povo o sentir dos *mais altos*? Que lhe importa a ingratiidão, o injusto desprezo, a indifferença com que a tratam?

Ha uma dôr grande? ella soffre.

Ha uma lagrima, ardente, funda, das que corroem um coração paterno? Ella chora! E, chora em publico, franca, clara, nobremente!

Será sempre bendito aquelle que tiver a companhia-o á cova as lagrimas do povo, que é como se ao seu lado chorasse em lucto, — a verdade, a natureza.

Que liceão a fidalgos e que santo e generoso povo!





Graxa velha em Arte Nova



**Batalhão de mulheres**

En avant marchons  
Contre leurs canons.  
Atravez le feu, le fer des bataillons  
Marchons a la victoire,  
Marchons a la victoire!

Lá nos Estados Unidos  
As damas vão vestir farda,  
Arregaçar os vestidos  
É manobrar a espingarda.

P'los modos, n'essa guerreira  
Milicia, pede-se a graça:  
A que não seja solteira  
Já não pode assentar praça.

Acho a coisa bem lembrada,  
É o caso pede uma ode...  
Mas precisam da pomada  
Que faz crescer o bigode.

Precizam fugir da touca  
De não mexer no agulheiro,  
E deixar entrar na bocca  
O cigarrinho brejeiro.

D'antes um homem qualquer  
Vigiava o *anjo qu'rido*...  
Mas d'ora ávante a mulher  
Faz sentinella ao marido.

Já percebo a nova esgrima  
Em que a femea passa a macho:  
Deseja atirar de cima  
No que lhe dava p'ra baixo.

Se o progresso augmenta em galas,  
Qualquer dia inda se vê,  
Dar a mulher peito as balas,  
E o homem fazer *crachet*.



Toda a gente imaginou, quando se descobriram as falsificações no pão que as misturas feitas nas farinhas o eram pelos moageiros, aonde as farinhas se compravam.

E houve uma justa e geral indignação contra esses homens que n'um alimento indispensavel, de primeira necessidade, usavam de fraudes que representam verdadeiros crimes: — o do envenenamento é o do roubo!

Toda a gente se indignou, chamou pela policia, pelos delegados de saude, pela justiça d'esta terra.

Felizmente ninguem appareceu! e ainda bem, porque á ultima hora, veem os moageiros provar com documentos que desde o reinado de El-Rei D. Diniz ou de antes, — todas as suas farinhas são analysadas e são puras, como as Onze Mil Virgens.

Hein? É esta?

Quem demonio misturava nas farinhas, a serradura, o lixo, o kaolino, a casca d'arroz?

Responda o *Romeiro* do Ex. Luiz de Souza.

— Ninguem!

E digam-nos depois d'isto o que é maior n'este pão: se a ousadia ou se o impudôr.

**CANCIONEIRO ALEGRE**

Doze mil contos de réis,  
Segundo se faz constar,  
Deve o governo aos Tabacos...  
Caramba! já é fumar!

Paiz que assim se deleita  
Tem as mucosas sedentas;  
Ha de gozar bons bocados;  
Mas hão de fungar-lhe as ventas.

Foram vistos dois bacillos  
Da negra tuberculose  
A morrer n'um pão de gesso:  
Vae-se a saber a razão:  
Resultados do congresso.

Ha por ahí mais alguem  
Que descenda de Albuquerque:  
Que apresente os documentos.  
De descendencia que tem:  
É bom saber os fidalgos  
Que tem orgulho por serem  
Chamados filhos da... mãe!

N. T.



Parece provado que El-Rei D. Carlos resolveu ir a Paris e a Londres, por sua espontanea vontade.

Que assim o resolveu e o mandou dizer para esses paizes, cujos jornaes deram a noticia da viagem.

Ora aconteceu que tendo esta noticia chegado a Portugal, fez pasmo, por que nenhum jornal portuguez noticiara o facto.

Ora tendo o governo jornaes seus, como se explica que o não dissessem?

— Porque o não sabiam.

— Porque o não sabia o Governo?

Então que governo é este...

Que bellas faculdades tem ás vezes os reis!

**O TAL**

General de Saldanha arriba um furo,  
Abarrotado co'os laureis da fama,  
Na patria do Senhor Vasco da Gama  
Novos tropheus ganhou para o futuro.

N'este tempo bicudo, em que é tão duro  
Abiscoitar a desejada *mamma*,  
Quiz ser protagonista de alto drama  
E deu-lhe ensaio de pasmoso apuro.

Ora o que eu digo aqui, quando converso,  
Nunca esquecido n'este mundo seja  
Porque está a pedir heroico verso.

Portanto, musa, o teu sacco despeja,  
E que se cante e espalhe no universo  
A batalha do sello e a da cerveja.

## JARDIM DE EPICURO

O que nos faz desconfiados em materia de esthetica é que tudo se demonstra pelo raciocinio. Zenon de Elêa demonstrou que a flecha que vòta, está parada. Poder-se-hia demonstrar, o contrario, se bem que menos facilmente.

Porque o raciocinio espanta-se perante a evidencia e pode dizer-se que tudo se demonstra menos o que sentimos verdadeiro.

Uma argumentação seguida sobre um assumpto complexo, não provará nunca senão a habilidade do espirito que a conduz.

É preciso que os homens tenham alguma suspeita d'esta grande verdade, por isso que nunca se governam pelo raciocinio.

Guia-os o instincto e o sentimento.

Obedecem ás suas paixões, ao amor, ao odio e sobretudo ao medo salutar.

Preferem as religiões ás philosophias e só raciocinam para se justificarem das suas más accções, dos seus vícios, o que é risivel e perdoavel. As operações as mais instinctivas são as que melhor fazem: a natureza fundou sobre ellas a conservação da vida e a perpetuidade da especie.

Os systemas philosophicos tiveram exito pelo genio dos seus auctores e nunca pelo reconhecimento absoluto da verdade.

Em Moral todas as opiniões tem sido sustentadas e se alguns pareceres parecem concordar é que os moralistas tiveram o cuidado de não contrariarem o sentimento vulgar e o instincto commum.

A razão pura, se elles só a escutassem a ella, teria levado as conclusões mais monstruosas como se vê em certas seitas religiosas e em certas heresias cujos auctores, exaltados pela solidão, desprezaram o sentimento irreflectido dos homens.

Raciocinou bem a douta canista que julgando na a criação, ensinava aos fieis a offender as leis physicas e moraes do mundo, a exemplo dos criminosos — sobretudo de Cain e de Judas.

Ella ensinava bem; mas a moral era abominavel.

Em esthetica, isto é, nas nuvens, em que se pode argumentar, mais e melhor do que em qualquer outro assumpto é que é preciso receber a indifferença como a parcialidade, a frieza como a paixão, o saber como a ignorancia, a arte, o espirito, a subtilidade e a innocencia mais perigosas do que a manha.

Em materia de esthetica são para temer os sophismas sobretudo quando são bellos e ha-os admiraveis.

O proprio espirito mathematico é para receber tão sublime elle é e tão delicado.

Treme-se pensado até onde um grão d'areia pode levar um cerebro mathematico.

Lembremo-nos de Pascal.

A. FRANCE.



## Carta a uma pretinha que vende fava-rica

De alegre madrigal venho trazer-te a nota,  
Que d'este peito meu tirei lá bem do fundo;  
É que pena que eu tenho em não escrever: *bunda*  
Para aqui te pintar uma paixão devota!

Gosto muito da côr que nunca se desbota  
Nem precisa carmin para brilhar no mundo;  
O branco se assemelha a côr do moribundo,  
O preto faz lembrar envernizada bota!

Teus dentes de martim fazem morde de raiva  
As meninas que vão pedir favor ao Paiva  
Para mostrar primor, o qual perdido é já!

Por muito que uma branca enfeite o seu corpinho,  
Só poderá chegar a ser traste de pinho,  
E a preta vale mais — é de jacarandá! — VINASCIO.

## MOTE

A' sombra dos teus cabellos  
Vão se embora as amarguras!  
Bemdito seja o milagre  
Das tuas tranças escuras

M. M.

## GLOSA

Vês esta verde sobreira  
Que a briza vae baloicando.  
É esta mesmo convidado  
Com sua sombra fagueira...  
Feliz d'esse que allí queira  
Descançar dos seus desvellos;  
Porém como os meus anhelos  
Me trazem terno sentir,  
Só desejava dormir  
A sombra dos teus cabellos.

Dormir! dormir! és um bem.  
As nossas forças re-atauras,  
Quando o bafejo das auras  
Parte dos montes d'além:  
Mas tamanho condão teem  
As tuas tranças escuras:  
Taes talismans de venturas  
Ondeiam nas formas bellas,  
Que a quem dorme a sombra d'ellas  
Vão-se embora as amarguras!

Se crês no que estas a ouvir,  
Se posso mover-te ao do,  
Permitte-me uma vez só  
A' sombra d'ellas dormir!...  
A minha sorte, a sorrir,  
Perderá quanto tem de agre;  
E, para que te consagre  
Culto de agradecimento,  
Dizei a todo o momento:  
Bemdito seja o milagre!

Se o que aneio com fervor  
Me deres, conforme penso,  
Irei queimar puro incenso  
Nas santas aras de amor:  
Das primaveras em flor  
Hei de sentir as doçuras;  
E no meio de ternuras  
Farei, porque é necessario,  
De meu peito o relicario  
Das tuas tranças escuras.

BONIFACIO.



## BIBLIOGRAPHIA — CORREIO

Temos continuado a receber e muito agradecemos um grande numero de jornaes brasileiros, cuja aravel troca nos penhora.

No ultimo paquete recebemos tambem a noticia e Estatutos de Collegio Mineiro da cidade de Ouro Preto.

É um estabelecimento de educação e ensino equiparado ao Gymnasio Nacional por um decreto da Republica fundado n'esta cidade, favorecido pela benignidade do clima, e situado em um dos mais apraziveis dos arrabaldes.

O Internato e o Externato funcionam em predios que dispõem de todas as condições hygienicas.

O corpo docente, idoneo e competente, foi organizado dentre os mais habéis profissionais. Prepara alumnos candidatos á matricula nas escolas superiores da Republica, para o Commercio ou qualquer outro ramo da actividade social, abrangendo sempre os respectivos programmas o necessario de-envolvimento.

Folgamos em reclamar tão excellente instituto.

# Um pãozinho... falsificado

Musica do PÃO FRESCO



Tudo brama, tudo ralha,  
Toda a gente se abespinha;  
Contra o padeiro canalha  
Por fazer pão *sem* farinha.  
E por isso, noite e dia,  
Tenho andado a matutar,  
Que até já tenho a mania  
De a mim mesmo perguntar:

Porque ha de o Zé coitado,  
De genio ser tão brando?  
Pois vê que é intrujado,  
E cae, de quando em quando!?  
E tolo oti é larvado  
O Zé assim pensando;  
Em tudo elle é roubado,  
Mas vae sempre comprando!...

Se ainda estou *direitinho*,  
Talvez seja por milagre;  
Pois em vez de *verde rinho*,  
Tenho bebido vinagre!  
Ando cheio de fadiga,  
Podem crer, n'isto que digo;  
Dizem ser uma cantiga  
Mas eu penso cá commigo:

Porque ha de o Zé coitado,  
Etc.

Entreí nesta loteria,  
E fiquei arreliado;  
O bilhete (quem diria?)  
Tinha sido viciado!...  
Não sabia da *pericia*  
Isto fez-me grande mossa,  
Fui queixar-me a um policia  
Que me disse em ar de troça:

Porque ha de o Zé coitado,  
Etc.

Já cheguei a duvidar  
Se eu sou *eu*... ou *outro* sou,  
Pois tudo me faz pensar  
Que *falsificado* estou.  
Apezar de pelintrinha  
Tenho bem boas razões;  
P'ra chorar a sorte minha.  
Mas digo co'os meus botões:

Porque ha de o Zé coitado,  
Etc.

Amaz